

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
INSTITUTO DE FILOSOFIA

CARLOS HENRIQUE JESUS DE PAULA

ENANTIODROMIA: FUNDAMENTOS FILOSÓFICOS DA PSICOLOGIA
ANALÍTICA E OPOSIÇÕES NA ESTRUTURA DA PSIQUE HUMANA

UBERLÂNDIA

2023

CARLOS HENRIQUE JESUS DE PAULA

ENANTIODROMIA: FUNDAMENTOS FILOSÓFICOS DA PSICOLOGIA
ANALÍTICA E OPOSIÇÕES NA ESTRUTURA DA PSIQUE HUMANA

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Instituto de Filosofia (IFILO) da Universidade Federal de Uberlândia (UFU) como exigência parcial para obtenção de título em bacharelado e licenciatura.

Área de concentração: Filosofia da Religião.

Orientador: José Benedito de Almeida Júnior.

UBERLÂNDIA

2023

CARLOS HENRIQUE JESUS DE PAULA

ENANTIODROMIA: FUNDAMENTOS FILOSÓFICOS DA PSICOLOGIA
ANALÍTICA E OPOSIÇÕES NA ESTRUTURA DA PSIQUE HUMANA

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Instituto de Filosofia (IFILO) da Universidade Federal de Uberlândia (UFU) como exigência parcial para obtenção de título em bacharelado e licenciatura.

Área de concentração: Filosofia da Religião.

Uberlândia, 29 de novembro de 2023.

Banca Examinadora:

José Benedito de Almeida Júnior – Prof. Dr. (Orientador - UFU)

Paulo Irineu Barreto Fernandes – Prof. Dr. (Arguidor - UFU)



UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
 Coordenação do Curso de Graduação em Filosofia
 Av. João Naves de Ávila, 2121 - Bloco 1U - Bairro Santa Mônica, Uberlândia-MG, CEP 38400-902
 Telefone: 3239-4185 - www.ifilo.ufu.br



ATA DE DEFESA - GRADUAÇÃO

Curso de Graduação em:	FILOSOFIA				
Defesa de:	GFI039 - TCC (turma F4)				
Data:	01/12/2023	Hora de início:	20:00	Hora de encerramento:	21:00
Matrícula do Discente:	11911FIL227				
Nome do Discente:	Carlos Henrique Jesus de Paula				
Título do Trabalho:	ENANTIODROMIA: Fundamentos filosóficos da psicologia analítica e oposições na estrutura da psique humana				
A carga horária curricular foi cumprida integralmente?	<input checked="" type="checkbox"/> Sim <input type="checkbox"/> Não				

Reuniu-se no campus Santa Mônica, sala 1U134, da Universidade Federal de Uberlândia, a Banca Examinadora, designada pelo Colegiado do Curso de Graduação em 01/12/2023, assim composta: Professores(as): PROF. DR. JOSÉ BENEDITO DE ALMEIDA JÚNIOR (IFILU/UFU) orientador(a) do(a) candidato(a) e PROF. DR. PAULO IRINEU BARRETO FERNANDES (IFTM).

Iniciando os trabalhos, o(a) presidente da mesa, Dr. José Benedito apresentou a Comissão Examinadora e o(a) candidato(a), agradeceu a presença do público e concedeu ao(à) discente a palavra para a exposição do seu trabalho. A duração da apresentação do(a) discente, o tempo de arguição e resposta foram definidos conforme as normas do curso.

A seguir o(a) senhor(a) presidente concedeu a palavra, pela ordem sucessivamente, aos(às) examinadores(as), que passaram a arguir o(a) candidato(a). Ultimada a arguição, que se desenvolveu dentro dos termos regimentais, a Banca, em sessão secreta, atribuiu o resultado final, considerando o(a) candidato(a):

(X) Aprovado(a) - Nota 100,0 [cem pontos]

Nada mais havendo a tratar foram encerrados os trabalhos. Foi lavrada a presente ata que, após lida e achada conforme, foi assinada pela Banca Examinadora.



Documento assinado eletronicamente por **Paulo Irineu Barreto Fernandes, Usuário Externo**, em 02/12/2023, às 13:24, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



Documento assinado eletronicamente por **José Benedito de Almeida Junior, Professor(a) do Magistério Superior**, em 06/12/2023, às 11:52, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://www.sei.ufu.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **4949255** e o código CRC **E05BDEFF**.

Referência: Processo nº 23117.078736/2023-86

SEI nº 4949255

Dedico este trabalho a todos aqueles que buscam conhecer a si mesmos antes que a morte inevitável os recolha.

AGRADECIMENTOS

Com honestidade, agradeço a todos os outros que me permitiram dar o primeiro passo para meu processo de individuação. Assim como Heráclito, filósofo do *Outro*, nada seria sem as graças e maldições que me foram lançadas por aqueles que me rodeiam. Tudo o que sou reconheço pelo outro, até um dia entender, em meio às minhas transformações, o que sou por mim mesmo.

Agradeço aos meus pais, Rogério Rosa de Paula e Maria da Penha de Jesus, que sofrem todos os dias, pela exploração da classe dominante, a fim de me permitir estudar e crescer sem muitas interferências além das minhas próprias ansiedades diárias. Junto a eles, agradeço por meus irmãos e suas respectivas famílias, que infelizmente não tenho sido próximo, justamente porque me afastei para tentar chegar ao ponto de escrever tais palavras que aqui se apresentam.

Também agradeço, especialmente, a Bárbara Raffaelle Carvalho Santos, uma pessoa que foi capaz, acima de qualquer outra, de quebrar minha realidade em pedaços. Nietzsche disse, se não me falha a memória, que Lou Salomé foi um espírito verdadeiramente livre que ele havia conhecido. Dito isso, com toda certeza, Bárbara foi e ainda é um espírito livre. Um espírito que deseja estar ao meu lado independente do nome que possamos dar à nossa relação. A primeira pessoa fora de minha família que senti me amar de verdade. Alguém que me ensina apenas sendo ela mesma.

De igual modo, agradeço a Vitória Elís Martins Fonseca, uma companheira que tem compartilhado bons momentos confortáveis ao meu lado, mesmo em meio ao olho do furacão. Alguém que cuida e se demonstra atenciosa com todos aqueles que se preocupa e ama. Mesmo com medo, assim como vários outros, quer e consegue demonstrar força em suas conquistas, mas que não deve esquecer da mesma força durante a derrota, pois ela é mais comum. Aliás, conhecer a si próprio requer conhecer nosso lado mais desprezível, mas que não representa a totalidade de nosso indivíduo.

Agradeço a todos os amigos e inimigos. Para aqueles que aqui leem, se encaixem onde se sentirem melhor. O amor e o apoio foram fundamentais, mas nada me moveu tanto quanto o antagonismo. Meu desejo em querer ser melhor que meus antagonistas se transformou no desejo em ser melhor que eu mesmo. A cada manhã, um novo Carlos que antagoniza o anterior. Me vejo como o antagonista e o antagonizado, dia após dia.

Com prazer, agradeço a todas as oportunidades que me foram concedidas pela Universidade Federal de Uberlândia e seu Instituto de Filosofia, assim como boa parte

dos docentes que o representa. Meu pai, enquanto um mero supervisor de reforma em ar-condicionado, prestou serviços a essa instituição por muitos anos, o que me fez mudar de Belo Horizonte para Uberlândia há 20 anos atrás, a fim de facilitar seu trabalho. Se existo aqui, existo por essa Universidade e todas as causalidades que me trouxeram a seu conhecimento. Independente das dores, das mágoas e das decepções, amo este campus como se fosse minha segunda casa. Obrigado, Professor José Benedito de Almeida Júnior, meu orientador, por ter destronado todas as minhas fobias e ter demonstrado o quão imatura era a minha escrita. Entrei no curso de Filosofia no ano de 2019, sem nunca ter lido um livro por completo, mas hoje, sou capaz de aprender a escrever o meu próprio.

Senti na pele as torturas físicas e psicológicas da cultura militar durante meu tempo de serviço obrigatório, em 2016. Aprendi a lutar e matar em nome da exploração e da ilusão heroica. Entretanto, foi a partir dessas humilhações e pesadelos que me foi revelado a verdadeira importância do conhecimento, e como carregar uma caneta é mais importante que uma arma. Ambas possuem, de certo modo, o poder de transformação, seja para o que consideramos um bem ou um mal.

Enfim, a Filosofia, matriz de tudo aquilo que julgo conhecer - não enquanto conhecimento ocidental exclusivamente - me trouxe diversas experiências e capacidades para enfrentar a vida com um pouco mais de consciência. Uma consciência muito menor do que o ser que se diz consciente. Carl Gustav Jung me ensinou, mesmo morto, que a pessoa chamada Carlos que habita em meu corpo é apenas uma fração de todos os conteúdos psíquicos condensados de minhas experiências, fazendo de mim apenas uma *persona* do que acredito ser minha personalidade, minha alma. Portanto, meu *complexo do ego* agradece a você, Jung, pela chance de conhecer minha outra face!

“Podemos ter a ilusão de que nos controlamos, mas um amigo facilmente poderá nos dizer coisas a nosso respeito de que não tínhamos a menor consciência.”
(Jung *et al.*, 2017, p. 24)

RESUMO

Esse trabalho tem por objetivo apresentar as bases filosóficas presentes na psicologia analítica, ou do complexo (Silveira, 1981), de Carl Gustav Jung – médico psiquiatra – e suas demais alunas, esposas e amigos. Mais especificamente, fala-se do conceito de *enantiodromia* (Jung, 2015), termo muitas vezes associado a Jung, mas desenvolvido previamente na filosofia do pré-socrático Heráclito de Éfeso (Bornheim, 1998). Para Heráclito, toda força necessita de uma força oposta que a movimenta, tal qual o conhecido *Yin Yang* do taoísmo chinês, que indica como o mal possui o princípio do bem e o bem possui o princípio do mal (Jung, 2013, p. 136). Obviamente, tal comparação serve apenas para vias de ilustração quanto às proximidades de pensamento que há em diversas culturas para um mesmo fato observado, o que será devidamente explicado.

Dito isso, a enantiodromia, além de ser tratada como um conceito filosófico, também é vista como um fenômeno. Este fenômeno, enquanto aquilo que pode ser observado e analisado por métodos científicos na natureza¹, no presente trabalho gera indagações quanto ao limite concreto, porém também abstrato da enantiodromia enquanto conceito. De fato, tudo possui o seu contrário, extremidades que se transformam no *devir*, pois se reconhece o calor a partir do fato empírico de reconhecer o frio. Aquilo que há entre essas extremidades é chamado de devir, o processo de transformação de um estado ou forma para outro estado ou forma que são opostos.

Ora, como se pode ver, as definições anteriores explicitam tal fenômeno em seu limite mais concreto, mais observável, por assim dizer. Mas, como disse o próprio Jung nas definições de sua obra *Tipos Psicológicos*, é necessário, para superar quaisquer inconvenientes da supervalorização da metodologia das ciências naturais, nos assegurarmos em conceitos muito precisos (Jung, 2015). No caso, não é uma crítica à ciência, mas à valorização do método científico como algo fixo. O paradigma científico pode e deve ser alterado na medida que novos problemas surgem (French, 2009). Portanto, meu trabalho está em abranger uma relação que se inicia pelo cunho teórico de Heráclito sobre a relação dos opostos e como se relaciona com os trabalhos de consultório

¹ Visto o fato de que polos magnéticos apenas são atraídos quando os lados positivo e negativo de diferentes ímãs se encontram. Isso pode ser verificado em qualquer artigo científico onde essa informação básica é descrita, mas deixarei um que possa surtir um interesse mais complexo a respeito. Por exemplo, no artigo *Modelo causal dos primórdios da ciência do magnetismo* de Osvaldo Pessoa Júnior (2010, p. 206) mais precisamente.

de Jung. Se bem lembrarmos, Heráclito era conhecido como um filósofo da natureza, pois sua filosofia partia da observação em direção à ela.

Dessa maneira, o trabalho será dividido em três capítulos. O primeiro, obviamente após a introdução do tema, falará sobre os conceitos do *consciente* e *inconsciente* na estrutura da psique humana, a definir aqui dois sujeitos do indivíduo humano. No segundo, serão compreendidos os núcleos da consciência e da inconsciência, conhecidos como *ego* e *self*, é importante separá-los, como será visto. No terceiro, os arquétipos mais profundos do inconsciente coletivo de Jung serão tratados, *animus* e *anima*, conhecidos pelas características masculinas e femininas determinadas pelo ser humano ocidental. Todos os capítulos estão ligados, de certo modo, pelo conceito de enantiodromia devido às altas camadas de oposição que existem além do que foi descrito aqui.

Por fim, Jung diz, também em suas definições da obra *Tipos Psicológicos*, que a enantiodromia é um termo que ele utiliza a fim de designar oposições inconscientes ao decorrer do tempo (Jung, 2015). No caso, falo de ocorrências em que uma pessoa toma uma determinada posição ao longo de toda sua vida, mas inconscientemente se cria uma contraposição igualmente poderosa. Por exemplo, é dito por Jung que Nietzsche endeusava o artista alemão chamado Richard Wagner, mas ao se decepcionar com ele ao descobrir que era um antissemita, tomou uma posição completamente odiosa e repugnante contra, em uma posição extremamente oposta e muito repentina. Entretanto, esse trabalho deseja demonstrar como a enantiodromia permeia as obras de Jung além da forma como o psicoterapeuta indicava em 1921 – em partes –, ainda jovem, pois há oposições presentes nos conceitos conhecidos como *consciente* e *inconsciente*, *ego* e *self*, *inconsciente pessoal* e *inconsciente coletivo*, *anima* e *animus*, dentre outros mais que não são apontados como enantiodromia diretamente, mas que são camadas de forças opostas da estrutura da psique que mantêm um equilíbrio em seu pleno funcionamento do que consideramos a mente dos indivíduos humanos, homem e mulher.

Palavras-chave: Enantiodromia; consciente; inconsciente; Psicologia Analítica; Psique.

ABSTRACT

This work aims to present the philosophical bases showed in the analytical, or complex, psychology (Silveira, 1981), of Carl Gustav Jung – a psychiatric doctor – and his other students, wives and friends. More specifically, we talk about the concept of *enantiodromia* (Jung, 2015), a term often associated with Jung, but previously developed in the philosophy of the pre-Socratic Heraclitus of Ephesus (Bornheim, 1998). For Heraclitus, every force needs an opposing force that moves it, just like the well-known *Yin Yang* of Chinese *Taoism*, which indicates how evil has the principle of good and good has the principle of evil (Jung, 2013, p. 136). Obviously, such a comparison only serves to illustrate the proximity of thought that exists in different cultures for the same observed fact, which will be duly explained.

That said, enantiodromia, in addition to being treated as a philosophical concept, is also seen as a phenomenon. This phenomenon, as something that can be observed and analyzed by scientific methods in nature², in the present work generates questions regarding the concrete, but also abstract, limit of it as a concept. Now, in fact, everything has its opposite, extremities that transform into becoming, as heat is recognized from the empirical fact of recognizing cold. What exists between these extremities is called becoming, the process of transformation from one state or form to another state or form that is opposite.

Now, as you can see, the previous definitions explain this phenomenon in its most concrete, most observable limit, so to speak. But, as Jung himself said in the definitions of his work *Psychological Types*, it is necessary, to overcome any drawbacks of the overvaluation of the methodology of natural sciences, to rely on very precise concepts (Jung, 2015, p. 385). In this case, it is not a criticism of science, but of the appreciation of the scientific method as something fixed. The scientific paradigm can and should be changed as new problems arise (French, 2009). Therefore, my work is to cover a relationship that begins with Heraclitus theoretical approach to the relationship of opposites and how it relates to Jung's office work. If we remember correctly, Heraclitus was known as a philosopher of nature, as his philosophy was based on its observation.

² Given the fact that magnetic poles are only attracted when the positive and negative sides of different magnets meet. This can be verified in any scientific article where this basic information is described, but I will leave one that may be of more complex interest in this regard. For example, in the article *Modelo causal dos primórdios da ciência do magnetismo* (Causal model of the beginnings of the science of magnetism) by Osvaldo Pessoa Júnior (2010, p. 206) more precisely.

Thus, the work will be divided into three chapters. The first, obviously after the introduction of the topic, will talk about the concepts of the conscious and unconscious in the structure of the human psyche, defining here two subjects of the human individual. In the second, the cores of consciousness and unconsciousness, known as ego and self, will be understood. It is important to separate them, as will be seen. In the third, the deepest archetypes of Jung's collective unconscious will be treated, animus and anima, known by the masculine and feminine characteristics determined by the Western human being. All chapters are linked, in a sense, by the concept of enantiodromia due to the high layers of opposition that exist beyond what has been described here.

Finally, Jung says, also in his definitions in the work *Psychological Types*, that enantiodromia is a term he uses to designate unconscious oppositions to the course of time (Jung, 2015, p. 405). In this case, I am talking about occurrences in which a person takes a certain position throughout their life, but unconsciously creates an equally powerful opposition. For example, it is said by Jung that Nietzsche deified the German artist named Richard Wagner, but upon being disappointed in him upon discovering that he was an anti-Semite, he took a completely hateful and disgusting position against him, an extremely opposite and very sudden position. However, this work wishes to demonstrate how enantiodromia permeates Jung's works beyond the way the psychotherapist indicated in 1921, when he was still young, as there are oppositions present in the concepts known as *conscious* and *unconscious*, *ego* and *self*, *personal unconscious* and *collective unconscious*, *anima* and *animus*, among others that are not pointed out as enantiodromia directly, but are layers of opposing forces in the structure of the psyche that maintain a balance in its full functioning of what we consider the mind of human individuals, men and women.

Keywords: Enantiodromia; conscious; unconscious; Analytical Psychology; Psyche.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Carl Gustav Jung.....	14
Figura 2 – Heráclito de Éfeso.....	15
Figura 3 – O Tao.....	17
Figura 4 – Polos magnéticos opostos.....	18
Figura 5 – Marie-Louise von Franz.....	20
Figura 6 – Nise da Silveira.....	20
Figura 7 – A estrutura da psique.....	22
Figura 8 – Emma Jung.....	25
Figura 9 – Rebis.....	37
Figura 10 – Anima mediadora.....	42
Figura 11 – Jane e Joseph Wheelwright.....	44
Figura 12 – Sir Laurens van der Post.....	49
Figura 13 – Toni Wolff.....	50
Figura 14 – Ouroboros.....	51
Figura 15 – Butler e Preciado.....	55
Figura 16 – Mandala de <i>Os Arquétipos e o Inconsciente Coletivo</i>	56

SUMÁRIO

Introdução	13
Capítulo 1 – Consciente e Inconsciente	21
1.1 Consciente	22
1.2 Inconsciente Pessoal	24
1.3 Inconsciente Coletivo	27
Capítulo 2 – Ego e Self	29
2.1 Ego	30
2.2 Self	31
2.3 Persona e Personalidade	33
Capítulo 3 – Animus e Anima	36
3.1 O arquétipo animus	39
3.2 O arquétipo anima	40
3.3 Projeções em oposição	42
Considerações Finais	47
Referências Bibliográficas	57

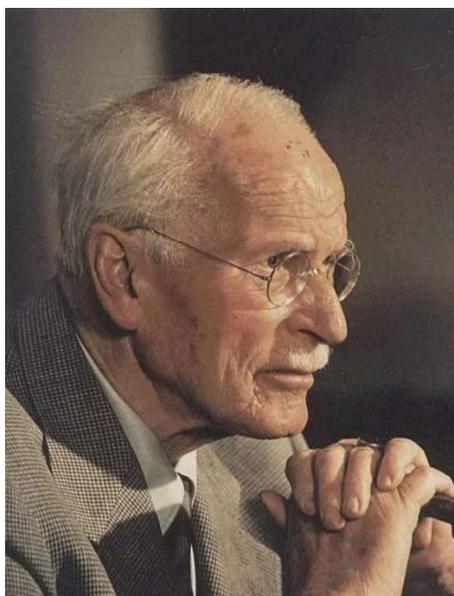
Introdução

“Quem quer que negue a existência do inconsciente está, de fato, admitindo que hoje em dia temos um conhecimento total da psique.” (Jung *et al.*, 2017, p.22)

O objetivo desse trabalho³ consiste em apresentar os fundamentos filosóficos da psicologia analítica fundada e desenvolvida por Carl Gustav Jung (1875 - 1961). Mais especificamente, fala-se do conceito de *enantiodromia* e todas as camadas de oposições presentes na psique do indivíduo a partir de observações e estudos de Jung via análise e transferências com muitos de seus pacientes. Ademais, as camadas de oposição presentes entre consciente e inconsciente são duplas e intrínsecas, pertencentes à uma única estrutura da psique humana. Ou seja, são intrínsecas pois dentro de uma oposição há outra oposição claramente distinta, e assim tende a ser consecutivamente. Logo, movimentos contrários e únicos serão esmiuçados e apontados dentro de uma ordem específica que deixe a explicação narrativamente concisa.

De início, para definir a enantiodromia com propriedade, é necessário o apoio em diversas fontes. O fruto de todas as pesquisas aqui estruturadas terá como foco – em sua totalidade – os trabalhos de Carl Gustav Jung, fundador da psicologia analítica – ou complexa (Silveira, 1981, p. 32) – e a maneira como atribui tal conceito ao longo dos capítulos aqui presentes. Mas, além disso, será possível avaliar diversas citações que representam o fenômeno da enantiodromia com diferentes casos que se conferem a ele.

Figura 1: Carl Gustav Jung.

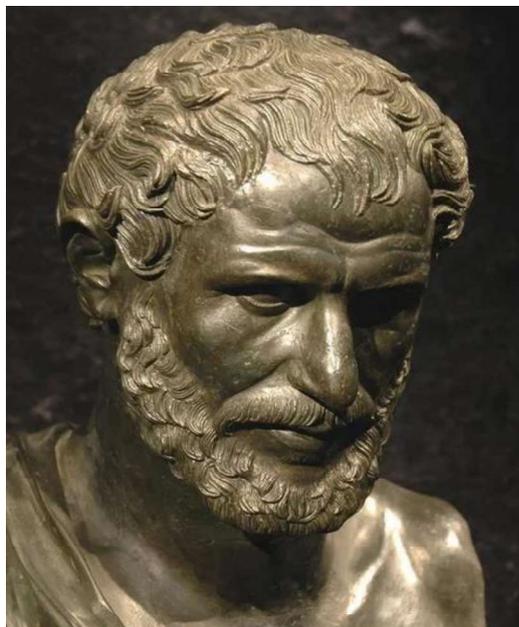


Fonte: Affel, 2021.

³ É necessário destacar que um artigo foi submetido, e está em processo de aceite até a data presente deste trabalho, em direção à revista PRIMORDIUM da Universidade Federal de Uberlândia com uma versão simplificada da discussão aqui tratada. Claramente, por ser fruto de uma pesquisa longa, muitas coisas soarão repetidas, porém há adições cruciais para o estudo da enantiodromia em torno dos tópicos aqui desenvolvidos devido a um senso de continuidade.

Ademais, é notável como tal conceito é tão antigo quanto a própria filosofia, conhecido, de certo modo, desde os tempos de Heráclito de Éfeso – um dos filósofos da natureza da Grécia antiga de maior destaque – anterior a Sócrates e de grande influência para ele –. Portanto, é digno notar a etimologia da palavra enantiodromia. Em grego clássico *enantios* (ἐνάντιος) significa *oposto*. Quanto a *dromos* (δρόμος) seu significado é a *pista de corrida*⁴. Essa concepção etimológica do termo representa o fato observado por Heráclito que toda grande força que se lança à uma direção gera uma força oposta. Portanto, a enantiodromia é composta por uma luta de contrários, um equilíbrio entre dois opostos que os movimentam.

Figura 2: Heráclito de Éfeso.



Fonte: Bezerra, 2023.

Dito isso, resta-nos agora a compreensão de algumas outras informações com maior desenvolvimento sobre o que foi apresentado até então. Parece muito simples ler e pensar que a enantiodromia é um conceito que advém de Heráclito, assim como é compreensível denominá-la um fenômeno. Mas, por qual razão é denominada dessa maneira? Apesar de Heráclito ser um filósofo pré-socrático, dentre os mais importantes, não obtemos muito sobre seu pensamento – ou escrita – além de fragmentos que podemos encontrar na obra *Os Filósofos Pré-Socráticos* de Gerd Bornheim, o que será visto logo

⁴ É possível interpretar que a *pista de corrida* representa o *movimento*.

em seguida. Aliás, tais fragmentos são de suma importância para compreendermos que a enantiodromia é um evento que pode ser explicado cientificamente⁵, pois um fenômeno não é nada mais do que tudo aquilo que pode ser observado na natureza.

Como dito anteriormente, Gerd Bornheim organizou diversos fragmentos na obra *Os Filósofos Pré-socráticos* que servem de base para compreendermos muitas das ideias do filósofo que culminam na importância do movimento e, principalmente, que encontra harmonia em seu oposto. Portanto, a fim de explicitar mais afinco, é dito por Heráclito que “o movimento determina toda a harmonia do mundo” (Bornheim, 1998, p. 43). Ainda dentro dessa perspectiva, percebemos como a organização de Bornheim denota explicitamente, por numerais, quais fragmentos de Heráclito são apropriadamente sobre o movimento de processar os contrários. Portanto, segue:

8 - Tudo se faz por contraste; da luta dos contrários nasce a mais bela harmonia. [...] 10 - Correlações: completo e incompleto, concorde e discorde, harmonia e desarmonia, e de todas as coisas, um, e de um, todas as coisas. [...] 23 - Não houvesse isto (a injustiça) ignorariam o próprio nome de justiça. [...] 48 - O arco tem por nome a vida, e por obra a morte. [...] 51 - Eles não compreendem como, separando-se, podem harmonizar-se: harmonia de forças contrárias, como o arco e a lira. 52 - O tempo é uma criança que brinca, movendo as pedras do jogo para lá e para cá; governo de criança. 54 - A harmonia invisível é mais forte que a visível. [...] 62 - Imortais, mortais; mortais, imortais. A vida destes é a morte daqueles e a vida daqueles a morte destes⁶. [...] 67 - Deus é dia e noite, inverno e verão, guerra e paz, abundância e fome. Mas toma formas variadas, assim como o fogo, quando misturado com essências, toma o nome segundo o perfume de cada uma delas. [...] 76 - O fogo vive a morte da terra e o ar vive a morte do fogo; a água vive a morte do ar e a terra a da água [...] 88 - Em nós, manifesta-se sempre uma e a mesma coisa: vida e morte, vigília e sono, juventude e velhice. Pois a mudança de um dá o outro e reciprocamente. [...] 126 - O frio torna-se quente, o quente frio, o úmido seco e o seco úmido. (Bornheim, 1998, p. 36-43)

A seguir, podemos observar, após esta citação, que os demais fragmentos de Heráclito estabelecem diversos exemplos da impulsividade contrária, demonstrando-nos como o equilíbrio natural se dá em todas as causas e efeitos da realidade. Ao menos, por via desta interpretação. Portanto, será a partir dessa noção que iremos nos apoiar para compreender como o conceito de enantiodromia está presente também na psicologia

⁵ Como já comentado na primeira nota de rodapé.

⁶ Tradução corrigida na citação. No texto é percebido o uso da palavra “destes” por “dêstes”, provavelmente devido à ortografia da época.

analítica de Carl Gustav Jung. Logo, a filosofia não só está presente em seu conteúdo científico, mas preenche boa parte das explicações e investigações relacionadas à psique do ser humano, ou seja, na relação inédita de consciente e inconsciente desenvolvida pelo psicoterapeuta suíço em seu tempo.

Vemos então que o fundo da cisterna é caracterizado pela completa união dos opostos. Aí está a condição primordial das coisas e que é também por si um fim ideal, por ser a integração de elementos eternamente opostos. O conflito chegou ao fim, tudo está parado, ou mais uma vez no estado inicial de harmonia indistinta. A mesma ideia encontra-se na antiga filosofia chinesa. A condição ideal é denominada Tao, e consiste na total harmonia entre o céu e a terra. [...] Um lado é branco com um ponto preto e o outro é preto com um ponto branco. O lado claro representa o calor, o seco, o princípio do fogo, o sul; o lado escuro é o princípio frio, negro, úmido, o norte. Essa imagem representa o começo do mundo, onde ainda nada teve princípio – é também a condição a ser alcançada pela atitude da sabedoria superior. A união dos dois princípios, masculino e feminino, é a imagem arquetípica. (Jung, 2013, p. 136)

A citação longa acima faz referência a uma cultura completamente distinta das origens europeias, mas demonstra como certos pensamentos a respeito do oposto estão presentes para além da filosofia grega e ocidental. Desse modo, percebe-se que isso é muito importante para os trabalhos de Jung, que o diferencia dos demais psicoterapeutas de sua época. Inclusive, o texto em que tais palavras partem são da obra *A Vida Simbólica vol. 1*, já abordando os arquétipos, que serão citados no segundo capítulo desse trabalho ao falarmos sobre o inconsciente coletivo, além de masculino e feminino, arquétipos que serão amplamente discutidos no terceiro capítulo.

Figura 3 – O Tao.

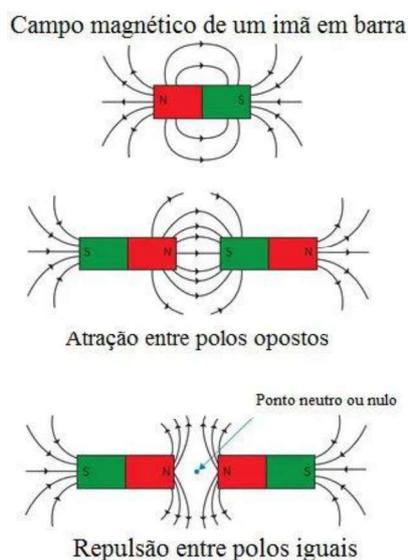


Fonte: Jung, 2013.

É notório o resgate da enantiodromia nas teorias junguianas que aqui serão desenvolvidas. É fascinante como Carl Gustav Jung consegue transmitir informações sobre seus estudos psicanalíticos com relações opostas na estrutura da psique humana com diversos exemplos, o que será trabalhado mais profundamente a partir do capítulo a seguir. O que pode ser dito de imediato, é como as obras de Jung se estendem além do conhecimento europeu – ocidental – e trabalha todos os seus conceitos a partir do indivíduo, ou seja, do homem e da mulher, sem importar a origem, etnia etc. A diferença está apenas na cultura dos diferentes povos e civilizações, em suas experiências em um determinado local histórico. Entretanto, mesmo com as diferenças nítidas, há similaridades, padrões, não tão claros que serão expostos em certo grau.

Ademais, na citação longa anterior, Jung fala sobre os opostos representados pela imagem do Tao – *Yin Yang* – de diversas maneiras, mas, uma observação interessante a se fazer, é que o lado claro também representa o *Sul*, enquanto o lado escuro representa o *Norte*. Este paralelo, entre polo sul e norte também pode ser encontrado em estudos de relações magnéticas como ilustrado abaixo⁷.

Figura 4 - Polos magnéticos opostos.



Fonte: Teixeira, 2023.

⁷ A imagem serve apenas para representar que existem diversas relações opostas na natureza que podem ser observadas. As letras *N* e *S* significam, respectivamente, Norte e Sul.

Logo, aqui estarão presentes diferentes camadas de oposições, no caso, entre *energia física e energia psíquica, externo e interno, sujeito e objeto, percepção e apercepção, consciente e inconsciente, ego e self*, assim como, *inconsciente pessoal e inconsciente coletivo, persona e personalidade, animus e anima* etc. Porém, pouco se fala a respeito do conceito de enantiodromia presente nas obras de Jung, pelo menos, não de forma direta, fala-se, de fato, sobre oposição. Claramente, vemos em alguns poucos momentos como a obra *Tipos Psicológicos* de Jung retratam a enantiodromia dentro de vários exemplos entre as relações opostas da *sensação* com a *intuição* e do *sentimento* com o *pensamento*. Entretanto, tais exemplos não são pertinentes para o nosso estudo em questão, ao menos, não na construção presente, pois é planejado dedicar uma pesquisa futura para com o mesmo tema. Então, o que nos compete é o fato da obra em destaque acima possuir um capítulo dedicado apenas às definições de terminologias ou conceitos utilizados por Jung em seu conteúdo. Sendo assim, temos mais uma referência à enantiodromia em uma célebre obra de 1921 que serve de base para nosso trabalho. Dito isso, segue:

Enantiodromia. Significa “correr em sentido contrário”. Com este conceito se designa, na filosofia de Heráclito [37], o jogo de oposição no devir, ou seja, a concepção de que tudo o que existe se transforma em seu contrário. “O que vive morre, o que estava morto renasce; o que é jovem envelhece, o que é velho volta a ser jovem; o que está acordado dormirá, o que dorme acordará; a corrente da criação e da destruição não para jamais” [38]. “Pois criar e destruir, destruir e criar, esta é a norma que governa todos os ciclos da vida natural, desde o menor ao maior. O próprio cosmos que saiu do fogo primitivo voltará a ele – processo dúplice que se completa em períodos fixos, ainda que de tempos incomensuráveis, e volta a correr sempre de novo” [39]. Esta é a enantiodromia de Heráclito segundo as palavras de intérpretes qualificados. Várias são as expressões do próprio Heráclito que atestam este ponto de vista. Diz ele: “A própria natureza procura o antagônico e dele tira a harmonia e não do idêntico”. (Jung, 2015, p. 460)

Enfim, o que se tem em mãos, após se entender a maneira como Jung determina sua definição de enantiodromia, é a percepção do resgate de um termo ao qual sofre um transporte direto da filosofia antiga para a psicologia analítica junguiana, pois todo estudo apresentado até este ponto do trabalho garantiu oposições presentes no consciente e inconsciente, dentre diversas outras aplicabilidades e conceitos psicológicos que Jung atribui ao pensamento filosófico de forma interdisciplinar e, até mesmo, simbólica. Em outras palavras, Jung trabalha o seu estudo particular em conjunto com a filosofia, e é

justamente por meio dessa fonte de conhecimento que é possível traduzir suas teorias com cunho filosófico, pois ela é presente. Contudo, é importante frisar que Jung não verbaliza – em todas as suas obras – a relação da enantiodromia com seus trabalhos de consultório, mas sempre cita a oposição. Logo, este indicativo se faz suficiente para compreender o cerne de suas pesquisas, assim como, todo o desenvolvimento e trabalho de suas alunas Marie- Louise Von Franz (1915-1998) e da brasileira Nise da Silveira (1905-1999).

Figura 5: Marie-Louise von Franz



Fonte: Ribeiro, 2009.

Figura 6: Nise da Silveira.



Fonte: Lima, 2022.

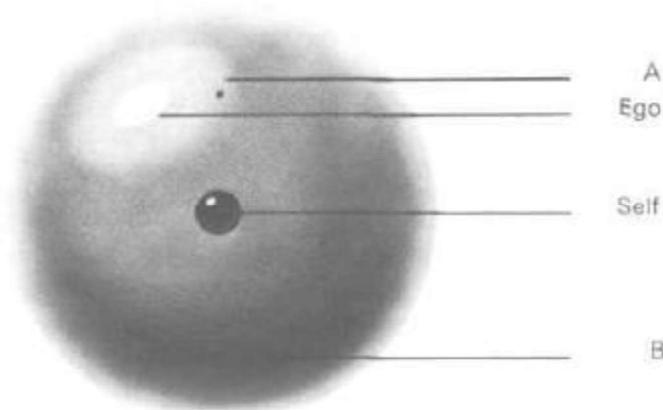
Capítulo 1

Consciente e Inconsciente

“Nossa psique faz parte da natureza, e o seu enigma é, igualmente, sem limites. Assim, não podemos definir nem a psique nem a natureza”. (Jung *et al.*, 2017, p. 22)

Para apresentar e compreender as bases de representação do *consciente* e *inconsciente* na mente humana – ou *psique* – segundo os estudos de Carl Gustav Jung, se faz necessário lançar mão de cada conceito e suas oposições. Não se deve interpretá-las como meras funções cerebrais, mas uma exploração da estrutura da psique humana e seus símbolos. Segundo Nise da Silveira, “Poder-se-á representar a psique como um vasto oceano (inconsciente) no qual emerge uma pequena ilha (consciente)” (Silveira, 1981, p. 63). Enquanto o consciente possui uma composição única, o inconsciente se divide entre o inconsciente pessoal e coletivo, designando diferentes características, ações e aproximações com o consciente. Contudo, é importante notar que essas duas forças psíquicas são opostas, em constante relação e conflito, o que será devidamente explicado.

Figura 7: A estrutura da psique⁸.



Fonte: Marie-Louise von Franz, 2017.

1.1 Consciente

O conceito de consciente aparenta, inicialmente, tratar-se do mais simples em comparação ao inconsciente. Mas, é notável a dificuldade em escrever sobre tal área da psique humana sem relacionar seus conteúdos psíquicos entre o que está dentro e fora de si, ou seja, dentro do consciente ou lançado ao seu oposto, o inconsciente. Portanto, denominações como *ego* e *self*, que serão explicadas com mais exatidão em parágrafos subsequentes desta pesquisa, não são nada menos que mediadores, ou núcleos, dos *conteúdos psíquicos* entre o consciente e o inconsciente. Logo, para entender o que é o

⁸ A letra “A” representa o *consciente*. Por sua vez, a letra “B” representa o *inconsciente*. Já *ego* e *self* são seus respectivos núcleos.

consciente, precisamos entender o que são os *conteúdos psíquicos*, a fim de, posteriormente, compreendermos também sua relação com o inconsciente e suas subdivisões.

Dito isso, vamos por partes. Os conteúdos psíquicos são processos do sujeito retidos na psique, carregados de aprendizagem e afetividade, munidos de complexos e sentimentos. Esses processos são possíveis graças à noção de *libido*, ou energia psíquica, de Jung, relatando que “Fome, sexo, agressividade, seriam expressões múltiplas da energia psíquica, tal como calor, luz, eletricidade, são manifestações diferentes da energia física.” (Silveira, 1981, p. 39). Ora, a explicação da *energia psíquica* de Jung, nas palavras de Nise da Silveira, deixa claro qual a base dos conteúdos psíquicos, mas também aponta uma relação oposta com a *energia física*. Portanto, é perceptível a existência de diferentes níveis de oposições pelo que foi dito até aqui.

É importante citar como a obra *O Homem e seus Símbolos* relata que, dentro da estrutura da psique, o consciente se encontra – segundo Marie-Louise Von Franz – envolto do inconsciente⁹, e no centro da consciência reside o *ego* (Franz *et al.*, 2017, p. 211). Para que um pensamento se torne consciente, os conteúdos psíquicos precisam se relacionar com o ego, ou seja, se relacionar com a personalidade dominante de nossa mente, sendo complexos coesos em continuidade que formam uma identidade ou memória consciente. Em suma, o consciente é a área responsável por converter nossos conteúdos psíquicos inconscientes através do ego, tornando-os conscientes¹⁰.

Para Jung, a consciência ainda não alcançou um grau razoável de unidade (2017, p. 24), e ter controle de si mesmo é um ato muito raro e, às vezes, ilusório. “Esta evolução está longe da conclusão, pois grandes áreas da mente humana ainda estão mergulhadas em trevas” (Jung *et al.*, 2017, p. 22). Não obstante, o ser humano é capaz de perder sua identidade e sofrer uma dissociação, ou seja, se fragmentar em diferentes pessoas dentro de um mesmo indivíduo. O ego, que representa a pessoa ao qual carrega um nome, é apenas um complexo dentre vários, o que será explicado no próximo capítulo. Portanto, dentre essas descrições, é possível notar que nem todas nossas decisões são conscientes.

Mas existe uma diferença radical entre uma decisão consciente, que separa e suprime temporariamente uma parte da nossa psique, uma situação na qual isso acontece de maneira espontânea, sem nosso conhecimento ou consentimento e mesmo contra nossas intenções (Jung *et al.*, 2017, p. 25).

⁹ Como sugere a figura 7.

¹⁰ Nesse caso, é possível tomar como exemplo a lembrança do que um dia foi esquecido.

É evidente como Jung comenta sobre acontecimentos dos quais não tomamos consciência. Dito de outro modo, são coisas que aconteceram na esfera da realidade sensível, mas foram absorvidas subliminarmente ou, até mesmo, ações espontâneas realizadas por nós sem nosso conhecimento consciente. Esses acontecimentos permanecem abaixo do limiar da consciência, como conteúdos psíquicos inconscientes. Sendo, então, uma admissão do psicoterapeuta da existência de uma parte da psique dita inconsciente (Jung *et al.*, 2017, p. 22). Essa camada abaixo do limiar da consciência é chamada de *inconsciente pessoal*, a camada dita mais superficial do inconsciente e que entra em contato com o consciente e seu núcleo, o ego. Mas, o problema filosófico que se encontra ao admitir a existência de um inconsciente é que esse entendimento divide a psique humana em *dois sujeitos*¹¹, dois senhores autônomos dentro do mesmo indivíduo.

1.2 Inconsciente Pessoal

No esforço em deixar o conceito de consciente mais claro compreendemos melhor o que são conteúdos psíquicos e suas conversões, mas também foi dito que, para que tal conteúdo venha a se tornar consciente é necessário que ele seja convertido da área inconsciente de nossa psique. O que determina tal feito é o nível de *carga psíquica*, ou energética, contida no conteúdo. Logo, o inconsciente pessoal, camada mais superficial do inconsciente e mais próxima ao consciente (Silveira, 1981, p. 64), é a área que contém os conteúdos psíquicos mais fracos – ou que recebe os conteúdos rejeitados pelo consciente – por perder intensidade na carga energética (Jung, 2000, p. 45). O porquê dessa perda é a questão a ser analisada, até certo ponto.

Jung determina em sua obra *A Natureza da Psique* que o inconsciente pessoal, resumidamente, é a área do esquecimento do consciente, devido à repressão¹² em relação a determinados conteúdos psíquicos. Então, ao ser atingido pelas percepções sensoriais, ou seja, através dos sentidos, temos consciência do mundo externo a nós (Jung, 2000, p. 39). Essas percepções, sensíveis ou intuitivas, apreendem a existência dos objetos externos, mas é o processo de *apercepção*, dita psíquica, que converte nossa relação *externa* com o mundo em um conhecimento *interno*, sentimento ou pensamento,

¹¹ Boa parte dos sistemas filosóficos têm como base um único sujeito em face do objeto, visto a revolução copernicana de Kant. A fim de exemplificar bem essa questão, escolhi um artigo que possa servir de base para compreender a relação de sujeito e objeto na *Crítica da Razão Pura* (Scherer, 2016).

¹² “pensamento ou a experiência desagradável que está reprimindo.” (Jung *et al.*, 2017, p. 27)

transformado em conteúdo psíquico. Ora, “mesmo quando os nossos sentidos reagem a fenômenos reais, a sensações visuais e auditivas, tudo isto, de certo modo, é transportado da esfera da realidade para a da mente” (Jung *et al.*, 2017, p. 21) Mais uma vez, vemos a importância do movimento das oposições, relacionando *percepção* e *apercepção*, assim como *corpo* e *psique*. Logo, é através do pensamento que possuímos a capacidade de reconhecer e diferenciar os objetos, com auxílio da memória.

Em seguida, o inconsciente pessoal é marcado por ser a área de nossa estrutura psíquica da qual carrega mais peso – no sentido sentimental – pois a repressão, de tais sentimentos, deriva de acontecimentos traumáticos ou penosos, acontecimentos de forte potencial afetivo (Silveira, 1981, p. 64), agradáveis ou desagradáveis. Veja, os níveis psíquicos apresentados são estabelecidos por Jung como duas forças opostas, o que reverbera em uma troca constante de energias entre o consciente e inconsciente, principalmente no tocante ao inconsciente pessoal, que possui uma forte relação com nossas experiências individuais com o mundo externo. Portanto, o conflito entre estes dois níveis pode inferir em grandes distúrbios mentais ou corporais (a neurose¹³), pois o inconsciente pessoal, tratado como nosso lado obscuro (Silveira, 1981, p. 64), pode interferir em nossas atitudes conscientes, inclusive de forma completamente oposta ao que imaginamos de nós mesmos. Como já foi dito por Emma Jung (1882-1955), primeira esposa de Carl, em concordância.

Somos tomados por estados e emoções que despertam em nós impulsos, sentimentos, pensamentos e imagens que nos parecem totalmente estranhos. Frequentemente, tais emoções são diametralmente opostas aos nossos pontos de vista ou intenções, de tal forma que dão a impressão de se tratar de manifestações de um ser com existência própria, diferente de nós. (Jung, E., 2013, p. 13)

Figura 8: Emma Jung.



Fonte: Rathode, 2022.

¹³ Jung fala sobre sintomas neuróticos, ou histeria. Certos tipos de dor e comportamentos anormais. “os sintomas neuróticos estão relacionados com alguma experiência consciente.” (Jung *et al.*, 2017, p. 25).

Por consequência, isto nos leva à compreensão dos *complexos*, conceito desenvolvido por Jung quanto a conteúdos psíquicos específicos citados no parágrafo anterior, carregados de sentimentos que sofrem repressões rumo ao esquecimento. Segundo Jung, os complexos são “temas emocionais reprimidos capazes de provocar distúrbios psicológicos permanentes ou mesmo, em alguns casos, sintomas de neurose” (Jung *et al.*, 2017, p. 28). Portanto, a fim de compreendermos melhor o que isso significa, pensemos em exemplos individuais. Quando lembramos de algo que há muito sepultamos em nossas memórias – do consciente ao inconsciente – sofremos um estalo ou, como dito na atualidade, um gatilho, ao qual ocorre o retorno de uma memória reprimida instantaneamente – do inconsciente ao consciente. Esta memória reprimida, assim como qualquer outra, trata-se de uma ação da psique em que você reprime um conteúdo psíquico desagradável do seu consciente em direção ao inconsciente pessoal, perdendo energia psíquica. Neste caso, falamos de uma experiência desagradável que desejamos esquecer – um trauma – formando o que Jung chama de complexo afetivo, ou simplesmente complexo (Silveira, 1981, p. 24). Ao menos, uma de suas formas.

Adiante, o fato mais impressionante estudado e revelado por Jung, é como o inconsciente toma partido, como um segundo sujeito¹⁴. Veja, ao explicar sobre a neurose e citar diversos exemplos baseados em seus trabalhos clínicos, Jung diz que “aquilo que está contido inconscientemente no nosso espírito comporta-se como se fosse consciente” (Jung *et al.*, 2017, p. 36). E ainda, deixa claro que os pensamentos e ideias, uma hora esquecidas, não deixam de existir. Logo, os fenômenos neuróticos não são produtos de uma patologia, de uma doença, mas sim da relação contrária que existe na interferência do inconsciente ao consciente:

Mas, todos nós vemos, ouvimos, cheiramos e provamos muitas coisas sem notá-las na ocasião, ou porque a nossa atenção se desviou ou porque, para os nossos sentidos, o estímulo foi demasiadamente fraco para deixar uma impressão consciente. O inconsciente, no entanto, tomou nota de tudo, e essas percepções sensoriais subliminares ocupam importante lugar no nosso cotidiano. Sem percebermos, influenciam a

¹⁴ Aqui, vemos claramente como Jung se diferencia de Freud. É dito por Jung no documentário *Questão do Coração* (2013) que o inconsciente não é um depósito das coisas que o consciente rejeita. Por outro lado, era exatamente assim que Freud dizia ser em sua psicanálise (Jung, E., 2013, p. 15), a teoria freudiana da repressão (Jung, 2002, p. 48). Entretanto, para Jung, o inconsciente é o *segundo sujeito*, aquele que toma partido quando menos se espera, autônomo. Nós devemos lidar com as vítimas e as consequências de nossas ações inconscientes. Jung entende por sujeito aquela "emoção vaga e obscura, sentimentos, pensamentos e sensações que não nos advém comprovadamente da continuidade da vivência consciente com o objeto" (Jung, 2015, p. 444). O segundo sujeito, para Jung, é o objeto interno. A *atitude externa* se dá entre o sujeito e o objeto externo. De mesmo modo, a *atitude interna* é a relação com o objeto interno, o inconsciente.

maneira segundo a qual vamos reagir a pessoas e fatos. (Jung *et al.*, 2017, p. 37)

Por fim, não posso dizer, precisamente, se tais interferências aqui ditas são exclusivas do inconsciente pessoal, mas sabemos que a citação anterior fala sobre as experiências que temos com o externo, o que é convertido pela *apercepção* em conteúdos psíquicos – como explicado anteriormente – de nosso interno. Então, a relação oposta entre o inconsciente pessoal e inconsciente coletivo será determinada a partir desta observação, a *experiência*. Ou seja, vamos descobrir e relacioná-la com seu oposto¹⁵. Logo, as diferentes ações do inconsciente serão explicadas em partes no tópico seguinte, deixando cada vez mais claro como a enantiodromia é um fenômeno presente em todas as coisas mais simples de se observar na natureza (externas), mas também quanto às coisas mais complexas e profundas (internas).

1.3 Inconsciente Coletivo

A princípio, é curiosa a observação quanto ao inconsciente coletivo. Tal conceito permeia quase todas as obras de Carl Gustav Jung de maneira ímpar em relação aos demais. Aqui, vemos o correspondente às camadas mais profundas do inconsciente, o fundamento mais comum da estrutura psíquica do ser humano, que independe da etnia ou cultura dos diversos povos. Por se tratar de uma subdivisão do inconsciente – ao qual se apresenta como outra divisão dentro da psique humana, também contrária ao consciente – percebemos também uma oposição entre o inconsciente pessoal e coletivo, pois este último é desligado em relação ao primeiro, por ser totalmente universal, o que justifica a necessidade em separá-los (Jung, 1980, p. 59).

Para melhor compreensão, vamos analisar o conceito destacado ao tópico acima. Segundo Jung, o inconsciente coletivo é uma “herança imemorial de possibilidades de representação, não é individual, mas comum a todos os homens e mesmo a todos os animais, e constitui a verdadeira base do psiquismo individual” (Jung, 2000, p. 45). Para melhor compreensão, esta afirmação será clarificada adiante. Ademais, Jung explica em *Os Arquétipos e o Inconsciente Coletivo* que a consistência do inconsciente pessoal parte de *complexos*, enquanto o coletivo parte de *arquétipos* (Jung, 2008, p. 53). É, cada vez mais, determinante quais as características que diferenciam esses dois inconscientes e a

¹⁵ Ainda não é o momento para dizer qual o oposto da experiência.

razão pela qual não podem ser confundidos. Aliás, é através da noção de *arquétipo* que entenderemos a citação anterior com maior distinção, mas que também servirá de base para, futuramente, compreendermos sua discussão mais complexa; os conceitos *animus* e *anima*.

Como dito no tópico antecedente, no caso, ao explicar o inconsciente pessoal, descobrimos que essa área específica da inconsciência se trata de uma região de descarte dos conteúdos psíquicos que sofrem uma sobrecarga de energia psíquica, o que induz no enfraquecimento da carga energética de tais conteúdos, lançando-os do consciente ao inconsciente. Entretanto, nesse processo de descarte, a região específica atingida do inconsciente é na sua camada mais superficial, não entrando em contato com sua região mais profunda, ou seja, o inconsciente coletivo. Por consequência, entende-se que o inconsciente pessoal e seus conteúdos dependem da relação externa com o mundo, no caso, sua existência depende da experiência pessoal do sujeito com o objeto, mas o mesmo não pode ser dito quanto ao inconsciente coletivo, sendo a base para o psiquismo do indivíduo – homem e mulher – o início da produção da consciência.

Enfim, ao constituir essa base de pensamento, nota-se que, se o inconsciente coletivo não depende da aquisição pessoal para existir, depende, portanto, de algo oposto. Neste caso, falamos sobre a *hereditariedade*, ou *possibilidades e tendências herdadas*, uma *herança arcaica*, não quanto à perspectiva unilateral da genética familiar, mas da pluralidade da espécie humana em toda a sua coletividade, aquilo que une e determina a identidade da humanidade em todas as suas frações, em todos os seus povos, sendo o denominador comum primordial. Novamente, isso se relaciona diretamente com a noção de *arquétipo*, pois segundo Jung “o arquétipo é, na realidade, uma tendência instintiva, tão marcada como o impulso das aves para fazer seu ninho ou das formigas para organizarem colônias” (Jung *et al.*, 2017, p. 83), especificando que, sim, há um conteúdo instintivo e identitário em todas as espécies.

Capítulo 2

Ego e Self

“O processo de individuação não consiste num desenvolvimento linear. É movimento de circunvolução que conduz a um novo centro psíquico. Jung denominou este centro *self* (si mesmo). Quando consciente e inconsciente vêm ordenar-se em torno do *self* a personalidade completa-se. O *self* será o centro da personalidade total, como o *ego* é o centro do campo do consciente.” (Silveira, 1981, p. 77-78)

Como visto no capítulo anterior, foi introduzido uma pequena fração do que são o *ego* e *self* na concepção das obras junguianas. De todo modo, um mero resumo destes conceitos como os respectivos núcleos do consciente e inconsciente não são o suficiente para compreender todas as bases que os compõem. Portanto, este capítulo deseja reintroduzir o assunto para esfarelar com mais delicadeza as informações e compreensões que podemos obter destes conceitos segundo os trabalhos de Carl Gustav Jung. Assim como o consciente é manifesto por Jung como o oposto do inconsciente, é natural que se interprete o mesmo quanto ao *ego* e *self*, mas é necessário cuidado quanto a esta interpretação, assim como será percebido nos tópicos seguintes.

2.1 *Ego*

Em primeiro lugar, é perceptível que em todo este processo desenvolvido há uma impossibilidade em citar um conceito junguiano sem posicioná-lo com seu oposto ou par. Logo, desenvolver as bases do conceito de ego trará consigo indícios do conceito de *self*, e assim será em diversas explicações subsequentes. Como dito anteriormente neste trabalho, o ego é o núcleo da consciência que habita na psique humana, capaz de converter nossos conteúdos psíquicos inconscientes para a consciência, pois “o *ego* é o centro desta zona (um objeto só é consciente quando eu o conheço)” (Franz *et al.*, 2017, p. 211). Logo, a consciência é carregada de complexos que formam a nossa identidade ou, por assim dizer, nossa *personalidade*. Entretanto, as capacidades do núcleo inconsciente – *self* – são ainda maiores e profundas, ao qual se relaciona com a noção de *arquétipo* e, provavelmente, necessita de uma atenção específica.

Em segundo lugar, confere-se a necessidade em voltar à obra *Tipos Psicológicos* de Jung para adicionar sua definição do conceito de ego e sua diferenciação ao *self* para maior entendimento e procedimento das explicações que surgirão a seguir. Ao que tudo indica, o complexo do ego é apenas um dentre vários que habitam a totalidade de nossa psique. Sendo assim, a totalidade de nossa psique é conhecida como *self*, que abarca o sujeito em si, não apenas sua consciência. Portanto, segue a definição de ego segundo a concepção junguiana:

Entendo o *ego*¹⁶ como um complexo de representações que constitui para mim o centro de meu campo de consciência e que me parece ter grande continuidade e identidade consigo mesmo. Por isso, falo também de *complexo do ego*. O *complexo do ego* é tanto um conteúdo quanto uma condição da *consciência*, pois um elemento psíquico me é consciente enquanto estiver relacionado com o complexo do *ego*. Enquanto o *ego* for apenas o centro do meu campo consciente, não é idêntico ao todo de minha psique, mas apenas um complexo entre outros complexos. Por isso, distingo entre *ego* e *self*¹⁷. O *ego* é o sujeito apenas de minha consciência, mas o *self* é o sujeito do meu todo, também da psique inconsciente. Neste sentido o *self* seria uma grandeza (ideal) que encerraria dentro dele o *ego*. (Jung, 2015, p. 462)

Tendo isso em vista, é do *ego* que se origina a força de vontade, decisões e intenções próprias. Segundo Jung, precisamos aprender a saber distinguir cuidadosamente o *conteúdo intencional* do *conteúdo involuntário* da mente (Jung et al., 2017, p. 40). Então, esse primeiro, o conteúdo intencional, tem por origem a *personalidade do ego*. Por outro lado, este segundo se origina do que Jung chama de *outra face do ego* ou *sombra*, a parte obscura e desconhecida da psique, nossas características ocultas, reprimidas e não reconhecidas. Ou seja, está além do nosso *ego* consciente e o que pode ser experimentado por sua via, além de nossa identidade e individualidade. Portanto, é notável, pelo que se desenvolveu até aqui, que o *ego* é um complexo dentre vários outros. Sendo os complexos, fora o *ego*, conteúdos psíquicos reprimidos, garantindo a possibilidade em perceber que a outra face do *ego* está intrinsecamente ligada aos demais complexos não conscientes e que, porventura, tomam partido em certas ações inconscientes. Dito isso, onde residem os demais complexos? Tudo indica que esteja na área mais superficial e próxima à consciência, o inconsciente pessoal. Novamente, a enantiodromia se faz presente na relação dos conteúdos psíquicos da mente humana dentre suas funcionalidades opostas.

2.2 *Self*

Ao despertar nosso conhecimento quanto ao inconsciente e sua profundidade, chegamos ao seu núcleo, denominado *self*. Apresentar e diferenciar o conceito de *ego* do

¹⁶ Na tradução da obra *Tipos Psicológicos*, em sua edição digital da Editora Vozes em 2015, podemos perceber o uso do termo *eu*. Este termo quer dizer o mesmo que *ego*, portanto decidi corrigir a citação aos moldes da pesquisa a fim de evitar confusões quanto ao conceito.

¹⁷ Ainda seguindo a lógica da nota anterior, faz-se necessário apontar que a tradução antes destacada também utiliza outro termo ao referenciar o conceito junguiano de *self*, traduzindo-o então para *si-mesmo*. Mais uma vez, por razão de coerência textual, tomei a liberdade em manter o conceito original aos moldes da pesquisa.

conceito de *self* não é uma tarefa simples. Conforme indicado anteriormente, é necessário saber distinguir o conteúdo intencional do conteúdo involuntário de nossas mentes. Em vista disso, se analisar todas as informações entregues até este momento, consegue notar por si mesmo que o conteúdo intencional se trata justamente de nosso ego, por ser uma personalidade formada por um conjunto de memórias alojadas em nossa estrutura psíquica, no consciente. Entretanto, o conteúdo involuntário, em parte é aquilo que se esquece corriqueiramente de forma involuntária. Porém, também há os impulsos involuntários, que advém do inconsciente pessoal, munido de nossas experiências e complexos carregados de emoções, a área mais próxima ao consciente. Trata-se do que Jung chama de *a outra face do ego*, uma face que não se faz idêntica a ele, mas também não é chamada explicitamente de *self* (Jung *et al.*, 2017, p. 40) durante esta denominação. Ademais, *self* é a totalidade da psique, sendo o ego apenas uma parte dele, não apenas seu oposto. Portanto, a relação oposta entre os dois núcleos se dá pelo fato de o inconsciente gerar a consciência e, por sua vez, o ego (Jung, 2002, p. 48), pois sem esse movimento oposto, não há eu, não há estrutura. O *self*, ou *si mesmo*, é o início que cria o seu oposto a partir das experiências do indivíduo para gerar vida, gerar movimento.

Dito isso, é necessário buscar uma informação inerente da obra *O Homem e seus Símbolos*, mais especificamente em seu capítulo terceiro chamado “O Processo de individuação” (2017, p. 207), desenvolvido por Marie-Louise Von Franz. Enquanto Jung determina as bases do inconsciente em seu primeiro capítulo, Von Franz nos traz uma interpretação mais precisa. Portanto, relembre mais uma vez que, *self* não é nada menos que o núcleo do inconsciente, área responsável por produzir imagens involuntárias e naturais durante nossos sonhos, estes que possuem interpretação simbólica. Ademais, quanto ao processo de individuação, percebemos o desenvolvimento de uma teoria junguiana quanto ao propósito da vida onírica, ou seja, que diz respeito ou que tem caráter da natureza dos sonhos. Logo, em meio ao alto grau de observações dos sonhos interpretados diretamente com seus pacientes, Jung notou como os sonhos são relacionados à vida desses indivíduos, imbuídos em uma grande teia de fatores psicológicos, sendo o processo de individuação uma configuração ou esquema percebido por ele. De qualquer forma, o objeto de nosso desejo nesta pesquisa quanto a este processo não é a vontade em compreender necessariamente o que ocorre em nossos sonhos, mas sim o agente causador deste processo imagético involuntário. Segundo Von Franz:

O centro organizador de onde emana esta ação reguladora parece ser uma espécie de "núcleo atômico" do nosso sistema psíquico. Poder-se-ia denominá-lo também de inventor, organizador ou fonte das imagens oníricas. Jung chamou a este centro o *self* e o descreveu como a totalidade absoluta da psique, para diferenciá-lo do *ego*, que constitui apenas uma pequena parte da psique. (Franz *et al.*, 2017, p. 212)

Para finalizar, existe mais uma observação ao clamar a grande dificuldade em aprofundar-se no interior do inconsciente. Portanto, precisamos determinar algumas diferenças importantes a respeito. Neste caso, falo sobre como *self* pode ser comparado ao *superego* de Freud em determinadas instâncias. Segundo Nise da Silveira, quando possuímos um desejo intrínseco e egoísta, mas renunciamos devido ao temor da pressão pública e das leis coletivas, *self* e *superego* coincidem. É dito por ela que “no âmago do inconsciente coletivo, Jung descobriu um centro ordenador, o *self* (si mesmo). Desse centro emana uma inesgotável fonte de energia. Seu papel é importantíssimo na psicologia junguiana” (Silveira, 1981, p. 65). Dito isso, ao tomar consciência do que se trata o *self*, como fator psíquico determinante de nosso inconsciente, deixamos de renunciar nossas vontades inerentes, imorais e egoístas, não devido à moral coletiva de nossa sociedade, mas sim por um princípio interno de nossas próprias leis e comandos. Dessa maneira, é necessário notar que tratamos de um desejo inconsciente que interfere em nossas vontades conscientes. Nesta instância, o *self* se difere do *superego*, pois ele toma partido inconscientemente.

2.3 *Persona e personalidade*

Compreender a oposição entre os conceitos psicológicos de *persona* e *personalidade* é fundamental para a compreensão do capítulo subsequente a esse, mais especificamente, para total apreensão dos conceitos de animus e anima. Dessa maneira, a razão pela qual precisam ser explicados em conjunto é justamente pelo grau de proximidade das explicações que são ainda mais interdependentes que as anteriores. Como base, temos a presença da obra *Tipos Psicológicos* para fundamentar a *persona* e a *personalidade* com mais precisão. Tais conceitos, a princípio, também servem para a compreensão da *personalidade* pessoal de cada indivíduo. Entretanto, esse estudo requer uma pesquisa mais aprofundada, já que o próprio Jung determina que “O julgamento sobre a própria *personalidade* é muito confuso” (Jung, 2015, p. 16). Portanto, focaremos apenas no que diz respeito ao título deste tópico.

Segundo Jung, o *eu* – melhor dizendo, *ego* – apenas existe devido ao *princípio de individuação*. Dito de outro modo, é a diferenciação individual (2015, p. 70), que contribui para a existência da personalidade, contida na consciência e que se difere dos instintos coletivos. Ademais, a personalidade está em oposição direta a esses instintos, pois o indivíduo é distinto do coletivo. A essência da personalidade está exatamente nessa distinção. Portanto, essa distinção é o que Jung chamará de *alma*¹⁸.

No decorrer de minhas investigações sobre a estrutura do inconsciente fui obrigado a fazer uma distinção conceitual entre *alma* e *psique*. Por *psique* entendo a totalidade dos processos psíquicos, tanto conscientes quanto inconscientes. Por *alma*, porém, entendo um complexo determinado e limitado de funções que poderíamos caracterizar melhor como “personalidade”. (Jung, 2015, p. 442)

Como já dito, a personalidade é distinta e oposta ao coletivo, o que nos demonstra como ela é parte integrante da consciência. Mas, também percebemos, por outro lado, que os instintos são parte integrante do inconsciente – mais precisamente do inconsciente coletivo, profundo e hereditário –. Logo, apesar destes detalhes analisados, a personalidade também possui um caráter interno, outra camada de oposição, que se diferencia de sua representação externa. No caso, volto a citar a *persona*.

A *persona*, por sua vez, não se assemelha à personalidade. Aliás, ela pode ser encarada como uma máscara do indivíduo que age conforme suas intenções por um momento, mas, também vem a agir de outro modo diante de outras pessoas em um determinado ambiente (Jung, 2015, p. 443). Por exemplo, é possível imaginar, ou até mesmo conhecer, cenários pessoais em que uma determinada pessoa tende a tomar atitudes específicas em casa, mas é completamente diferente no trabalho ou em público. “A *persona* é, pois, um complexo funcional que surgiu por razões de adaptação ou de necessária comodidade, mas que não é idêntico à individualidade. O complexo funcional da *persona* diz respeito exclusivamente à relação com os objetos” (Jung, 2015, p. 444). O fato observado por Jung sobre a *persona* não ser idêntica à personalidade faz dela oposta quanto às relações internas e externas do indivíduo. Ora, “a atitude interna corresponde, pois, a um complexo funcional tão determinado quanto a atitude externa. [...] Nesses casos, a atitude interna corresponde a uma personalidade interna totalmente

¹⁸ Não deve ser confundida, em hipótese alguma, com a alma segundo conceitos da filosofia ou teologia. Não é do interesse de Jung entrar em disputas de faculdades. Surge uma defesa de Jung quanto a isso em *O Eu e o Inconsciente* (2008, p. 66-67).

diversa da personalidade externa" (Jung, 2015, p. 445). Como bem observado, a atitude externa é a *persona*, oposta à atitude interna, a personalidade.

Em conclusão, Jung reitera que a *persona*, enquanto atitude externa, é moldada pelo meio ambiente em que está inserida. Enquanto a alma é moldada pela atitude interna, ou seja, pelo inconsciente (Jung, 2015, p. 447). O caráter da alma se relaciona, completamente, com o caráter externo. Essa relação indica, por observação de Jung, uma oposição clara. Quem é extremamente duro, cruel e inacessível em sua *persona*, na experiência dele, é sempre uma pessoa frágil internamente. Em outro espectro, se sua *persona* é intelectual, sua alma é sentimental. "A alma costuma possuir todas aquelas qualidades humanas comuns que faltam à atitude consciente" (Jung, 2015, p. 446). Logo, a identidade com a *persona* já indica, por oposição, uma identidade inconsciente com a alma.

Capítulo 3

Animus e Anima

“Muita confusão tem sido feita em torno do conceito de arquétipo. Há ainda quem continue repetindo que Jung admite a existência de ideias inatas e de imagens inatas. É falso. Incansavelmente ele repete que arquétipos são possibilidades herdadas para representar imagens similares, são formas instintivas de imaginar. São matrizes arcaicas onde configurações análogas ou semelhantes tomam forma.” (Silveira, 1981, p. 67)

Para apresentar todos os significados e questões que envolvem os conceitos dos arquétipos *animus e anima* é necessário buscar mais fontes além da leitura. Como indica o título deste tópico, animus e anima são arquétipos dominantes na estrutura da psique humana, na estrutura hereditária da espécie como um todo, tanto entre homens quanto mulheres. Dito de outro modo, advém do inconsciente coletivo e está presente em toda a espécie. Portanto, a fonte ideal para comentar sobre tais arquétipos e seus padrões, em partes, é o documentário *Questão do Coração*, de 1986, que fala sobre a trajetória de Jung para fundar a psicologia analítica e entrevista muitos de seus parceiros e parceiras de trabalho – Jung já havia falecido, mas há citações e entrevistas com ele presente. Ademais, é em tal obra que descobrimos declarações sobre Jung e seu reconhecimento da mulher como indivíduo, tratando toda e qualquer uma com o mesmo respeito e dedicação a todo e qualquer homem que analisasse, pois “o psicólogo, porém, não pode ignorar a existência da mulher e sua psicologia própria” (Jung, 2002, p. 46). Por mais que haja diferenças nas interpretações dos arquétipos nos gêneros citados, as bases do estudo e da análise eram as mesmas, porém contrárias.

Na idade média, muito antes de os filósofos terem demonstrado que trazemos em nós, devido a nossa estrutura glandular, ambos os elementos – o masculino e o feminino –, dizia-se que “todo homem traz dentro de si uma mulher”. É esse elemento feminino, que há em todo homem, que chamei de “anima”. Esse aspecto “feminino” é, essencialmente, uma maneira secundária que o homem tem de se relacionar com o seu ambiente e sobretudo com as mulheres, e que ele esconde tanto das outras pessoas quanto de si mesmo. (Jung *et al.*, 2017, p. 31)

Figura 9: *Rebis*¹⁹.



Fonte: Marie-Louise von Franz, 1991.

¹⁹ Um símbolo alquímico do intersexual (antigo hermafrodita)

Ora, ao que tudo indica, todos os indivíduos, homens e mulheres, trazem consigo os ditos arquétipos masculino e feminino, ou apenas, as qualidades características que representam o animus e a anima²⁰. Aliás, tal citação indica, necessariamente, uma exclusividade da anima aos ditos homens, e também é projetada por eles contra às ditas mulheres, o que será explicitado ao fim do capítulo. Por outro lado, na obra *Estudos Alquímicos* há prova disso no sentido contrário, pois é dito por Jung que “reservei a expressão animus exclusivamente para as mulheres. A psicologia feminina revela um elemento que corresponde à anima do homem” (Jung, 2002, p. 47). São características femininas que, no caso, Jung destaca entre aspas, pois, também no documentário citado anteriormente, a Dra. Jane Wheelwright (1905-2004) diz que “o que ele fez pelas mulheres veio de seu tremendo interesse pelo indivíduo. E as mulheres também podem ser indivíduos²¹. E essa questão sobre o que é feminino e masculino etc. e tal, quase vem em segundo plano” (Wheelwright, Jane, *Questão do Coração*, 2013, 35m25s.). Portanto, o que chama atenção é como a visão clássica destes dois arquétipos são contrastantes. Dito de outro modo, são pares contrassexuais arquetípicos²². Mais uma camada de oposição encontrada e definida por Jung. Entretanto, dessa vez há uma relação com o outro, entre indivíduos considerados opostos, os ditos homens e mulheres²³.

Estas duas figuras – uma é masculina, a outra feminina – foram denominadas de *animus* e *anima* por Jung. Ele entende aí um complexo funcional que se comporta de forma compensatória em relação à personalidade externa, de certo modo uma personalidade interna que apresenta aquelas propriedades que faltam à personalidade externa, consciente e manifesta. São características femininas no homem e

²⁰ Segundo os *Estudos Alquímicos* de Jung, os chineses já pensavam no animus (*Hun*) e anima (*Po*) como “um só ser, único, verdadeiro e atuante” (Jung, 2002, p. 45). São dois na *casa do criativo*, do inconsciente. Essa, muito provavelmente, é a origem da defesa de Jung quanto a todos os indivíduos possuírem em si as possibilidades herdadas masculinas e femininas. Talvez, muito provavelmente, o que lhe comprova é a existência de pessoas intersexuais, que se chamavam hermafroditas em sua época. Na alquimia ocidental, sua imagem é representada pelo *Rebis*, como visto na figura 9 que advém do livro *Alquimia: Introdução ao simbolismo e à psicologia* de Marie-Louise von Franz.

²¹ Jung também disse, pelo relato da Dra. Liliane Frey-Rohn que: “Sem vocês mulheres, eu não teria desenvolvido minha psicologia” (FREY-ROHN, *Questão do Coração*, 44m04s). Isso aponta, impreterivelmente, a importância que Jung deu às mulheres de seu tempo e o respeito mútuo entre tais indivíduos notáveis.

²² Este detalhe pode vir a ser um problema para discussões atuais, já que se limita ao sexo do indivíduo, não ao gênero. Entretanto, há indícios que apontam para uma futura revisão desses conceitos a partir da própria psicologia Junguiana, o que será trabalhado em pesquisas futuras com mais profundidade.

²³ Aqui se percebe, mais uma vez, um ponto problemático quanto aos arquétipos animus e anima, pois sua oposição tem sido exclusiva a homens e mulheres cisgênero heterossexuais devido ao contexto histórico-social de Jung. Mas, ainda sem uma base teórica bem formulada, é possível forçar a ação desses arquétipos segundo seu conceito psicológico na forma imagética que o homem transgênero tem de si mesmo, assim como, a mulher transgênero o faz, já que ser masculino e feminino são qualidades características do que nós, do ocidente, especificamos de uma determinada forma. O que pode ser alterado historicamente e socialmente.

masculinas na mulher que normalmente estão sempre presentes em determinada medida, mas que são incômodas para a adaptação externa ou para o ideal existente, não encontrando espaço algum no ser voltado para o exterior. (Jung, E., 2013, p. 16)

Desse modo, podemos entender que, por mais que a anima seja dita como o lado feminino do homem, ela não é nada mais do que qualidades características que consideramos femininas. Mas, não é uma regra, apenas um método de organização do pensamento de Jung durante seu período histórico e social sobre o indivíduo homem e mulher por meio de seus arquétipos²⁴. Tendo isso em vista, novas formas de interpretação do animus e da anima podem surgir futuramente, com muito esforço, a partir deste trabalho. Logo, o foco, no momento, será dar continuidade às questões introduzidas por Jung e seus estudiosos, como Emma Jung, sobre os problemas do animus e anima reconhecidas por eles, inclusive, sobre a projeção.

3.1 O arquétipo animus

O animus, como dito exaustivamente, é a personificação masculina do inconsciente na mulher. O completo oposto da anima. Essa observação já indica a enantiodromia que há entre esses dois arquétipos. Entretanto, ela é mais perceptível quando uma mulher projeta seu animus – uma imagem do masculino – em um homem e vice-versa. Pois, o movimento contrário, a princípio, não se dá apenas no interior de um mesmo indivíduo, mas na relação de um com outro, por isso a projeção entrará em destaque. Entretanto, tal questão será guardada para o último tópico desse mesmo capítulo. O que está em voga é explicitar algumas nuances do animus a fim de compreendermos o conceito segundo Jung. Mas, sem deixar de lado pessoas que contribuíram com as observações em volta deles. Por exemplo, a partir de obras como *Animus e Anima* de Emma Jung, fundamental para esse capítulo.

Dito isso, Emma nos conduz, enquanto mulher, para uma compreensão das formas de manifestação desse arquétipo segundo sua época. Ela adverte que “devo chamar a atenção do leitor para o fato de que estamos tratando de realidades psíquicas, que são incomensuráveis em relação às realidades concretas, mas nem por isso menos atuantes” (Jung, E., 2013, p. 16). O arquétipo animus para a mulher, assim como a anima para o

²⁴ Como Jung uma vez disse “Porque o homem não nasce todo dia. Ele nasceu num determinado local histórico com determinadas qualidades históricas. Portanto, só é completo quando se relaciona com essas coisas” (*Questão do Coração*, 2013, 1h12m12s).

homem, é um elo de ligação entre o inconsciente pessoal e o coletivo, inclusive o poder ser entre o consciente e inconsciente (Jung, E., 2013, p. 15), o que é uma observação notável e importante para compreender a importância desses arquétipos como parte da personalidade interna de cada indivíduo.

Emma destaca quatro características do masculino, sendo força²⁵ (vontade), ato (ação), verbo (palavra) e sentido (sensual, atrativo), sendo força e ato condicionados um pelo outro, como na imagem típica do *cowboy*, que direciona sua força e atua segundo o que vale a pena (Jung, E., 2013, p. 17). Obviamente, essas imagens quádruplas são voltadas ao homem de sua época. Entretanto, também é dito por ela que assim também está dividida a imagem do animus, a personalidade interna da mulher. Devido à imagem coletiva que a mulher tem do homem em sua sociedade, e vice-versa, suas experiências preenchem as *imagens virtuais*²⁶ do que seria seu sexo oposto com as características histórico-sociais de seu período. Logo, é natural, para Jung, que a mulher venha a se interessar por homens que tenham algum grau de similaridade, em sua personalidade externa – ou *persona* – com a imagem arquetípica do animus dela própria, seu lado masculino, sua personalidade interna. Como percebido, são movimentos contrários.

3.2 O arquétipo anima

Assim como o arquétipo animus, anima é a personificação feminina do inconsciente para com o homem. Mais uma vez, percebe-se a oposição. Então, dessa maneira, pode-se dizer que tudo aquilo ao qual foi dito a respeito do animus na mulher, também pode ser aplicado, ao seu modo, na anima do homem. Correto! Porém, há mais que possa ser explorado. De fato, há escritos que possam demonstrar tais paralelos segundo os pensamentos de Jung. Mas, também há muitos escritos de Marie-Louise von Franz a respeito, boa parte indicando um caminho contrário.

De fato, o homem também possui uma imagem coletiva da mulher em seu inconsciente, na anima, como visto em *O Eu e o Inconsciente*, de Jung (2008, p. 66).

²⁵ “Pois a força pura ainda não é humana e também não é espiritual” (Jung, E., 2013, p. 17).

²⁶ “A forma do mundo em que nasceu já é inata no homem, como imagem virtual” (Jung, 2008, p. 66). Imagens virtuais são predisposições psíquicas, categorias apriorísticas, de natureza coletiva. Dito de outro modo, advém do inconsciente coletivo e de seu caráter hereditário. Não são predestinações individuais. “Devemos pensar nessas imagens como isentas de conteúdo, sendo, portanto, inconscientes” (Jung, 2008, p. 66). Essas predisposições se tornam conscientes na medida que adquirem conteúdo por meio de fatos empíricos que tocam tais predisposições inconscientes, infundindo-lhes vida. Segundo Jung, são sedimentos das experiências dos antepassados (não há nenhuma prova infalível disso, diz ele).

Segundo ele, é uma imagem herdada, que ajuda a compreender a natureza da mulher pelo ponto de vista do homem. Na mesma página em que tais observações são afirmadas, Jung explica, mais precisamente, o que são as imagens virtuais do inconsciente, como visto na nota 26. Portanto, está posto uma relação direta da projeção do homem pela mulher a partir da anima, assim como da projeção da mulher pelo homem por meio de seu animus.

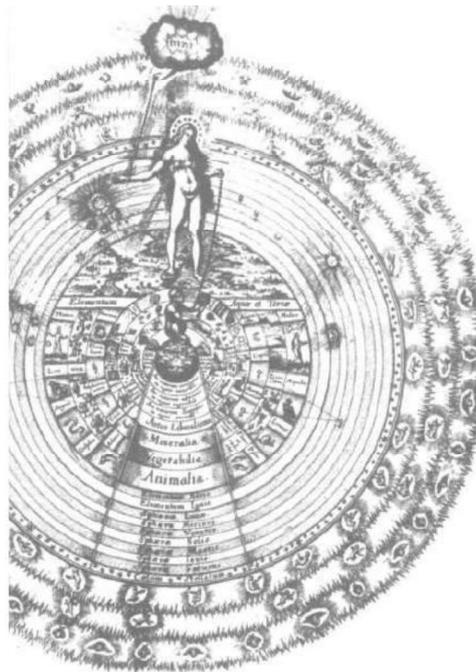
Em continuidade, há um excelente símbolo que pode ser testemunhado na obra *O Homem e seus Símbolos*²⁷. Com precisão, Marie-Louise von Franz ilustra, a partir de seus conhecimentos interpretativos da alquimia, a imagem da anima como ponte entre o consciente e o inconsciente, do mesmo modo que o animus opera para com a mulher, dito por Emma Jung no tópico anterior (por mais que, infelizmente, não venho a ter conhecimento de uma ilustração igualmente).

Gravura do século XVII dominada pela figura simbólica da *anima* como mediadora entre este mundo (o macaco representando provavelmente a natureza instintiva do homem) e o próximo (a mão de Deus se estendendo de entre as nuvens). A figura da *anima* parece evocar a mulher do Apocalipse, que também usava uma coroa com doze estrelas, as antigas deusas da lua a Sapiência do Velho Testamento (quarto estágio da *anima*, pág. 185), e a deusa egípcia Ísis (que também tinha uma cabeleira esvoaçante, uma meia-lua no ventre e um dos pés colocado na terra e outro na água). (Franz *et al.*, 2017, p. 246)

Veja, o que mais interessa na citação longa anterior é a observação em torno da mulher, aqui chamada de anima, ter um dos pés posto na água, enquanto o outro, está posto na terra. Ora, o texto não aponta a anima como a mediadora entre o consciente e o inconsciente, mas sim a mediadora entre esse mundo e o próximo. Bom, por análise, tanto anima quanto animus são arquétipos, porém, contrários. Emma Jung, no tópico anterior, já havia determinado que o animus é o agente capaz de tecer uma comunicação entre o consciente e o inconsciente. Por vias da oposição, da enantiodromia, é natural chegar na mesma conclusão quanto à anima. Por isso, os pés da mulher presente na figura 10 não estão postos na água e na terra separadamente por mera conveniência. Ora, Nise da Silveira já dizia que o consciente era tal qual uma ilha, mais sólida, como a terra, envolta de um vasto oceano, mais fluido, como água (Silveira, 1981, p. 63). Simbolicamente, é justo que tal mulher que representa a anima seja a ponte entre o consciente e o inconsciente devido aos pontos que seus pés tocam, como pode ser conferido abaixo.

²⁷ Visto a figura 10.

Figura 10: Anima mediadora



Fonte: Marie-Louise von Franz, 2017.

3.3 Projeções em oposição

Como dito anteriormente, homens podem projetar suas respectivas anima nas mulheres. “Pode-se também definir a anima como imago ou arquétipo, ou ainda como o depósito de todas as experiências que o homem já teve da mulher. Por isso, a imagem da anima é, em geral, projetada numa mulher”²⁸ (Jung, 2002, p. 46). Contudo, o contrário também pode ocorrer, no caso, quando mulheres projetam seus respectivos animus nos homens. Dito isso, “O arquétipo é uma força. Ele tem uma autonomia” (Jung *et al.*, 2013, 30m56s), como disse Jung. Em seguida, finaliza, “Ele pode agarrar você. É como se fosse um ataque” (Jung *et al.*, 2013, 31m03s). Logo, a projeção ocorre devido à imagem arquetípica que um homem – que se considere desse gênero – tem sobre o seu oposto, a mulher – ou quem se considere desse gênero –. Portanto, Jung, enquanto homem, fala sobre tal questão partindo pelo ponto de vista de um homem, principalmente ao falar sobre o exemplo da paixão à primeira vista.

Você tem uma determinada imagem dentro de si sem o saber, da mulher, da mulher ideal. Agora, você vê aquela garota. Ou pelo menos, uma boa

²⁸ Em geral? Quer dizer que, em sua época, já se pensava na possibilidade de projetar a anima em outro homem? É uma pergunta a se manter guardada, por enquanto.

imitação do tipo. E, imediatamente, você é “agarrado”. E você vira refém disso. E depois, pode descobrir que foi um baita de um erro. [...] pode ver que a mulher que “escolheu”, que na verdade, não houve escolha, ele foi “agarrado”. Ele está vendo que ela não é nada boa. [...] Esse é o arquétipo. É o arquétipo de “anima”. (Jung *et al.*, 2013, 31m33s)

A projeção da imagem que o homem tem da mulher se torna um problema, pois essa imagem tende a ser o oposto do próprio homem, ou seja, da imagem que ele tem de si mesmo. Isso pode ser constatado a partir de uma das análises que Jung fez durante um de seus casos de consultório, ao qual Jung interpreta o sonho de um homem em que se revela a imagem de uma mulher. Uma mulher, nesse caso, considerada vulgar para os padrões de sua época. Acontece, que tais padrões advém da própria imagem que homem possui do que seria uma mulher não vulgar²⁹ (Jung *et al.*, 2017, p. 31). Segundo o pensamento junguiano, o inconsciente produzia tal imagem em seus sonhos a fim de apontar – simbolicamente – para o homem em questão, que seu *lado feminino* – ou o que representa essa característica – não estava bem ou não estava tendo a atenção necessária. Portanto, vejamos o que aponta Marie-Louise von Franz:

No início de um relacionamento, em geral, há muita projeção misturada a isso. E isso é responsável pelas briguinhas constantes. Ela faz exigências que ele não consegue atender e ele faz exigências que ela não consegue atender. Animus e anima cruzando espadas. Ou seja, se gravar essas brigas de amor verá que é igual no mundo todo, literalmente. E isso é projeção. (Franz *et al.*, 2013, 33m54s)

A riqueza de detalhes do documentário *Questão do Coração* é tão imensa que boa parte dos assuntos entre diferentes entrevistados junguianos se cruzavam, assim como veremos. O relato de Franz, como pode ser visto na citação longa acima, é continuado: “se as pessoas não fugirem disso, mas analisarem isso e retomarem tudo que é projeção, e então retirarem uma camada disso, verão o verdadeiro relacionamento. Pode não haver nada. [...] Ou pode haver um grande relacionamento. [...] construído” (Franz *et al.*, 2013, 34m27s). Dito isso, o casal de doutores e analistas Jane e Joseph Wheelwright (1906-1999), graças à edição, são usados como exemplo, pois ambos projetavam imagens contrárias um contra o outro.

²⁹ Jung faz questão de esclarecer na referência deste exemplo que o inconsciente não pretende apontar o certo e o errado a partir de suas imagens, ou seja, o inconsciente não possui uma composição moral. Novamente, a mulher vulgar no sonho do homem citado era representada dessa maneira por ser o oposto da imagem da mulher ideal que ele tinha em seu inconsciente, de sua anima.

Figura 11: Jane e Joseph Wheelwright.



Fonte: *Opus Archives and Research Center*.

Com grande conhecimento sobre animus e anima, Joseph fala sobre a mudança de perspectiva que o casal sofreu ao perceber como a perda da projeção entre eles foi fundamental para entender o indivíduo em cada um deles, não apenas na visão de um pelo outro, mas também em si mesmos. “A intensidade da nossa luta, de repente, se tornou clara para mim. Que Jane desenvolvia o pensamento e eu desenvolvia sentimentos³⁰. E é claro que isso estava de ponta-cabeça. Todos sabem que os homens pensam e as mulheres sentem, mas conosco não eram assim”³¹ (Wheelwright, Joseph *et al.*, 2013, 35m03s). Em outras palavras, Joseph deixa claro como o senso comum indica que o homem pensa e a mulher sente, mas o seu próprio caso pessoal desconstrói tais preceitos a partir da psicologia junguiana e a sua visão estrutural da psique. Inclusive, há uma relação de opostos claríssima.

Isso foi construído bem no centro de toda a psicologia de Jung. Que alguém desenvolvesse os componentes contrassexuais. [...] Mas, Jung prefere falar de animus e de anima, referindo-se ao lado masculino na mulher e do lado feminino no homem. Então, nós que estamos comprometidos no mundo junguiano tentamos desenvolver nosso

³⁰ Aqui, vemos uma referência à obra *Tipos Psicológicos*, de Jung. O *pensamento* é uma função auxiliar da *intuição*; e vice-versa. E o *sentimento* é uma função auxiliar da *sensação*; e vice-versa. Jung observa, por transferências com vários de seus pacientes em seu consultório, que a intuição e sensação são opostas. Portanto, o mesmo vale para as suas respectivas funções auxiliares, pensamento e sentimento. Aqui, temos o caso de Joseph e Jane. Eles eram opostos em suas *funções psicológicas*. Mas, nada indica que um deles fosse introvertido e o outro extrovertido. Todas as funções psicológicas encontradas por Jung foram detalhadas por Nise da Silveira no livro *Jung: Vida e Obra*.

³¹ Prova de que o estereótipo não é verdadeiro, apesar de comum na época dos envolvidos.

animus e anima, mas não esperávamos que fosse tão certo e nossas vozes se alternavam do soprano ao baixo e teríamos uma reinvenção de nossas partes vitais. Mas, por outro lado, achamos que, em geral, numa operação em duas etapas, primeiro, com a projeção da anima ou animus e depois, gradualmente, retirando essa camada e assumindo-o de novo, e simulando-o. E por fim, integrando-o à consciência de cada um. Mas, esse estado andrógeno, ou quase andrógeno do ser é o que se deseja ser antes de fazer a mudança. (Wheelwright, Joseph *et al.*, 2013, 32m39s)

Mais uma vez, percebe-se, há a presença de indícios contra a ideia dos arquétipos animus e anima serem apenas o que os analistas junguianos chamavam de masculino e feminino, assim como o próprio Jung. Entendia-se, pela época, que a melhor maneira de entender a si mesmo – ou melhor, seu *self* – era compreendendo o sexo oposto ao seu próprio. Ou seja, o lado feminino do homem e o lado masculino da mulher, o que acarretaria numa transformação andrógena do ser capaz de forjar tal individuação por sua própria vontade. Entretanto, por interpretação, a projeção do animus e anima é a compreensão dos arquétipos e suas características opostas. Por exemplo, se o animus é caracterizado como o arquétipo ao qual deriva a força e o descuido, então a anima é caracterizada como o arquétipo ao qual deriva a fraqueza e o cuidado. Minha crítica, obviamente, é a atribuição histórica e social de uma determinada cultura que enxerga a força como elemento masculino e exclusivo ao homem, além da fraqueza como elemento feminino e exclusivo a mulher, o que se percebe além do ocidente. Por conclusão, como bem se sabe, homens podem ser fracos e mulheres podem ser fortes, seja por desenvolverem, ou não, seus corpos e por viverem em condições e costumes que os permitam ou impeçam de agir sobre.

Ademais, o princípio de individuação é bem definido por Joseph ao falar sobre etapas do desenvolvimento do animus e anima. Primeiro, tratamos sobre a projeção, a imagem arquetípica do que consideramos animus e anima, as características que a sociedade ocidental considera masculinas e femininas. Ao retirar a camada referente a essa projeção de nosso oposto, vemos o indivíduo que nos relacionamos, antes projetado, como ele realmente é, sem idealização. Em seguida, nós assumimos novamente essa camada, agora não mais projetada, mas sim simulada em si mesmo. Dito de outro modo, o homem aceita seu lado feminino e a mulher seu lado masculino. Ao fim, nós integramos essa camada reassumida à consciência e atingimos um estado quase andrógeno do ser.

Dessa maneira, temos uma revelação, o homem projeta na mulher, e vice-versa, porque não percebe que o complemento está em si mesmo, não no outro. Obviamente, a existência do oposto é o que permite a subsistência do ser, segundo o conceito do

fenômeno da enantiodromia, é um equilíbrio. Mas, como dito na apresentação dos conceitos de animus e anima, Jung declara que ambos os elementos estão em nós, seja você homem ou mulher. Devido à dificuldade dos indivíduos em notarem sua oposição arquetípica inconsciente, Jung diz: “É quase uma regra. Mas, não quero dar muitas regras. [...] que um introvertido se case com um extrovertido, para compensação. Ou um tipo se case com um contratipo para se complementar” (Jung *et al.*, 2013, 30m12s). Deixando claro que, pessoas que não desenvolvem seus respectivos animus e anima, como fizeram Joseph e Jane, teriam uma vida menos trabalhosa se conviverem com pessoas de tipos psicológicos contrários, porque complementam aquilo que o indivíduo não consegue, ao menos ainda, complementar por si mesmo.

Em conclusão, o que foi constatado por último não é o ideal. Aliás, os próprios conceitos de animus e anima, para os conhecimentos do séc. XXI, não são ideais. Ao menos, não enquanto dermos atenção para tais arquétipos como o lado masculino e feminino de um indivíduo. Como dito por Jane, citando Jung, aquilo que é masculino e feminino está apenas em segundo plano. Portanto, há espaço para entendermos como animus e anima são o que são, ou seja, arquétipos, como o próprio Jung foi capaz de desenvolver e salientar. Ademais, esses conceitos são, mais uma vez, qualidades características dos indivíduos ditos homens e mulheres, que são capazes dos mesmos feitos desenvolvidos por uma mesma estrutura psíquica, comum a todo ser humano, coletivo e hereditário. Portanto, animus e anima está, mesmo em seus limites, além do masculino e feminino.

Considerações Finais

“Sem dúvida alguma, a consciência originou-se do inconsciente”. (Jung, 2002, p. 48)

Quanto às considerações finais deste trabalho que se faz presente, há muito que precisa e deve ser comentado a fim de remeter algumas questões e contrapontos importantes ao longo dos três capítulos. Não há, ao menos à primeira vista, a necessidade em separá-los por tópicos como tem sido feito até então. Portanto, é notável como estudar sobre a estrutura da psique humana revela muito sobre nós mesmos. Por um lado, o ego acaba por se tornar uma *válvula redutora*, como diria Aldous Huxley quanto ao cérebro e nosso sistema nervoso em sua obra *As Portas da Percepção* (Huxley, 1998, p. 10-11)³². Entretanto, por outro lado, nosso próprio *self*, em oposição ao ego, nos assiste a favor do processo de auto lapidação, conhecido pelos estudantes de alquimia como *pedra filosofal*.

Diz-se que o um é a primeira etapa da obra alquímica, e com o aplique do segundo se faz a pedra filosofal, porque o conflito vital se tornou consciente. Esta é a etapa final do *opus*. Quando já nos relacionamos com o inconsciente, aparece o problema, cada vez mais sutil, de como manter bem a relação em vez de voltar a cair em nossa unilateralidade. Até pessoas que fazem uma longa análise junguiana tendem a codificar seu processo de individuação. Embora tiveram experiências tremendas e reações vitalizadoras, não fazem mais que ficar com isso e codificar o que experimentaram —por exemplo, se disserem que só pregam a outros suas próprias experiências—, então não evoluem. A isso se deve que todo fenômeno consciente se desgaste. (FRANZ, 1991, p. 114)

Ao que tudo indica, o um é o consciente, já o segundo é o inconsciente. Primeiro e segundo sujeito, como aponto ao longo desse trabalho tão pessoal e impessoal em sua completude e equilíbrio de seu próprio movimento. Inclusive, aprendi, por meio de minhas pesquisas, que o processo de individuação é o mesmo processo de auto lapidação da pedra filosofal antes citada. É um movimento de conhecer a si mesmo, de enfrentar a si próprio e compreender quem você é e não é ao mesmo tempo. Logo, reforço mais uma vez como a enantiodromia está intrínseca em toda psicologia junguiana.

Compreender como a extensão do sujeito está para além de seu ego pode vir a ser, a princípio, aterrorizante (Jung, 2017, p. 23)³³. Os estudos de Jung são fundamentados em observações, trabalhos de consultório e pesquisas de campo. Como se pode ver no documentário *Questão do Coração* e no livro *O Homem e seus Símbolos*, Jung viveu, por

³² Aqui há uma breve tentativa em desenvolver uma ponte do que seria a consciência para Jung e Huxley, colocando o ego como agente de redução dos sentidos a fim de manter o foco do indivíduo, como pode ser visto em referências deste trabalho entre as páginas 28 e 29 (Jung *et al.*, 2017, p. 37).

³³ Nessa referência, Jung cita o *misonismo*. Medo do novo e do desconhecido. No caso, é compreensivo que muitos acadêmicos queiram negar a existência de um inconsciente. Novamente, ele retrata uma estrutura com um *segundo sujeito* presente. A consciência é uma aquisição muito nova de nosso conhecimento. Pensar em uma parte desconhecida da psique humana pode acarretar uma reação negativa. Porém, é inegável que a consciência também não deve ser afirmada como única e estável.

alguns anos, na África a fim de comprovar que os povos considerados primitivos, ou originários, daquele continente não possuem diferença psíquica entre qualquer um que possa ser considerado civilizado no ocidente. Portanto, suas experiências estão para além das observações em europeus de sua época e não há um sentimento de superioridade por parte do médico psicoterapeuta. Ademais, uma boa curiosidade era como Jung se considerava um curandeiro (Post, *Questão do Coração*, 2013, 8m15s), pois gostava de ser chamado assim, ao menos segundo Sir Laurens von der Post (1906-1996).

Figura 12: Sir Laurens von der Post.



Fonte: *National Portrait Gallery*.

Outra curiosidade que não pode ser deixada de lado é a importância que Toni Wolff (1888-1953) tem para a construção da psicologia analítica como um todo. Mais uma vez, como explicitado no documentário *Questão do Coração*, Toni foi a segunda esposa de Jung. Por mais que não houvesse registro oficial do Estado, ela vivia ao lado de Jung e sua primeira esposa, Emma, sem esconder a relação de ninguém próximo a eles. Mas, apesar desses detalhes excêntricos para alguns, a razão pela qual Toni é importante advém de suas influências filosóficas. Considerada fora do comum por Jung, Toni era uma estudante de filosofia que o introduziu a vários conceitos ocidentais e orientais da filosofia. Inclusive, apresentou o movimento de opostos presentes no pensamento chinês, como *Yin Yang*, que merece um aprofundamento futuro. Ora, a partir de obras como *Tipos Psicológicos* e *Estudos Alquímicos* tais aproximações com filosofias orientais se tornam

mais aparentes. Mas, não há misticismo, como muitos acusam Jung, apenas simbolismos. Meu estudo em enantiodromia, a partir de Heráclito de Éfeso (que se assemelha à filosofia chinesa presente nas obras junguianas), apenas existe devido a Toni Wolff e suas contribuições com Carl e Emma Jung ao longo de quarenta anos.

Figura 13: Toni Wolff.



Fonte: Purrington, 2021.

Seguindo para outras questões, uma observação a ser considerada no tocante ao inconsciente pessoal, é dito na página 27 deste trabalho que o inconsciente pode interferir em nossas atitudes conscientes, inclusive de forma oposta ao que imaginamos de nós mesmos. Veja bem, é oposto, não contraditório. É possível interpretar, tendo como base tudo o que foi descrito neste trabalho, que um indivíduo pode dizer ser algo e agir de forma oposta e inconsciente ao que ele pensa ser. Mas, ao que tudo indica, o indivíduo não pode tomar duas ações opostas ao mesmo tempo.

A enantiodromia se dá pela alternância entre duas forças opostas que se movimentam. A ação externa é oposta à ação interna e assim se mantém alternadamente. Aquilo que jaz interno (inconsciente) deve se externalizar primeiro, dando assim, lugar para o que anteriormente era externo (consciente). Dessa maneira, há um equilíbrio que permite as ações opostas de um indivíduo entre o que é consciente e o que não é, principalmente as ações e memórias inconscientes. Por exemplo, algo que é lembrado, vindo do inconsciente ao consciente, pode vir a ser esquecido novamente. Inclusive, uma pessoa pacífica pode ser violenta verbalmente, quiçá fisicamente, por impulso em

determinadas situações – que o enraivecem – sem ao menos perceber (pelo menos, no “calor do momento”, mas será muito nítido para quem o observa).

Contudo, ainda não tenho uma teoria clara para saber como o fenômeno poderia proceder quanto a casos em que uma pessoa diz ter sensações ou desejos mistos no dia a dia. Ou seja, indecisões. Talvez, conflitos relacionados a crenças, por exemplo, sejam formulados a partir das suas experiências pessoais que o inconsciente toma nota diariamente, colocando “em cheque” o que antes você acreditava conscientemente, como a minha fé no Deus cristão. Logo, pessoalmente, entre a minha antiga fé – e minha posterior falta dela – houve, como intermédio, uma sensação mista, uma indecisão. Ora, em um determinado momento, eu estive consciente da minha transformação de um cristão para um não cristão, mas essa transformação, provavelmente, veio de meu inconsciente, que já apontava diversos sinais com as minhas insatisfações nas experiências religiosas.

Então, minha transformação em não cristão se tornou consciente, até que um dia venha se tornar outra coisa, ou cesse com minha morte, cessando também todo o movimento externo e interno de meu corpo físico, mas também psíquico. Como um Ouroboros, que se retroalimenta em uma transformação constante. Dito isso, um palpite sobre a indecisão, é que pode vir a ser uma dentre várias nuances do devir na causalidade, nuances da transformação em estágios diferentes. Logo, irá tender para um lado inevitavelmente, seja de forma consciente ou inconsciente. Por decisão voluntária ou involuntária.

Figura 14: Ouroboros



16. El Ouroboros, la serpiente que se devora la cola, como dragón coronado y como serpientes, alada y sin alas (compárese con los pájaros alado y sin alas de página 175)

Fonte: Franz, 1991.

Adiante, outra questão é que, para Jung, o arquétipo *anima* (feminino) é exclusiva do *homem* e o arquétipo *animus* (masculino) da *mulher*. Mesmo Jung declarando que os elementos masculino e feminino pertencem a ambos os sexos (Jung, 2017, p. 31). De qualquer modo, aqui vejo um problema muito claro para ser tratado em um estudo de gênero aprofundado. Note que Jung, aparentemente, já determina o homem como masculino e a mulher como feminino a partir de seus respectivos sexos. Obviamente, já é esperado que, em seu contexto histórico, o homem seja associado ao masculino e a mulher ao feminino. Ora, se o elemento masculino e o feminino residem em todo indivíduo, então a discussão de gênero pode vir a desenvolver mais questões por meio de abordagens junguianas. Claro, se feita da forma mais atual e condizente com as questões histórico-sociais de nosso tempo. Ou seja, compreender que animus e anima são *qualidades características* do qual consideramos *masculino* e *feminino* em seus respectivos *arquétipos*. Sem associar o masculino ao homem e o feminino a mulher exclusivamente, a fim de evitar estereótipos.

Deixo aqui registrado que talvez seja necessário atualizar tais conceitos, levando em consideração que os estudos de Jung eram pautados em observações de consultório e não existiam discussões mais sólidas quanto à existência de pessoas transgênero – que também são indivíduos e, segundo Jung, todo indivíduo possui o masculino e o feminino em si e não deve ser diferente para as pessoas transgênero –, só havia, naquele momento, o andrógono como terminologia para termos gerais de pessoas em equilíbrio com seus respectivos lados masculinos e femininos. Portanto, esse é o fundamento do arquétipo que deve ser explorado.

Pensar sobre isso me conduziu ao artigo titulado *Anima e animus na contemporaneidade* de Michel Alexandre Fillus, que aborda justamente o mesmo assunto, mas que posso discorrer por outras vias em futuros trabalhos. Veja, se, de fato, o indivíduo possui as características arquetípicas do masculino e feminino em si, não há porque questionar se animus e anima estão presentes no homem e na mulher igualmente, pois seria mais que evidente. O que difere, no caso, é a *projeção* desses arquétipos, ou seja, a imagem que a pessoa tem de si mesma, seja pelas características ditas masculinas e/ou femininas, e a projeção direcionada contra uma imagem oposta de si. Antes, visava-se unicamente a projeção do homem pela mulher e vice-versa, como uma *oposição contrassexual*. Mas, como já foi dito na página 44, Jung diz que “em geral” a anima é projetada por um homem em direção à uma mulher (Jung, 2002, p. 46). Portanto, essas nuances de sua fala apontam para uma possibilidade em fazer o mesmo em direção a um

homem. Nenhuma dessas imagens arquetípicas são claras, visto que entender a si próprio é uma ação complexa e desgastante sem uma análise apropriada. Novamente, “O julgamento sobre a própria personalidade é muito confuso” (Jung, 2015, p. 16), quem dirá a compreensão de sua própria imagem arquetípica ou tipo psicológico.

Dessa maneira, é possível argumentar que homens e mulheres transgênero caibam dentro dos fundamentos junguianos, ultrapassando o estudo junguiano para além da relações contrassexuais, mas também de gênero. Dito de outro modo, a *performance* de pessoas transgênero pode ter como base as qualidades características dos arquétipos e, também, suas projeções em suas relações individuais. Enfim, é importante lembrar que o próprio Jung, no documentário *Questão do Coração*, afirma a importância do contexto histórico e social, assim como o que é masculino e feminino está em segundo plano e, em *O Homem e seus Símbolos*, diz que a psique humana está em constante transformação ou evolução. Portanto, há espaço para pesquisar sobre de maneira adequada futuramente.

Em continuidade, uma crítica que pode ser feita por muitos – que analisarem os textos junguianos e seus diversos autores, e, principalmente, autoras – é como a mulher é tida como masculina quando toma determinadas ações que são características, ou melhor dizendo, caracterizadas como ações de homens. Por exemplo, no momento em que lemos o que Marie-Louise von Franz diz sobre “quando uma mulher anuncia tal convicção com voz forte, masculina e insistente, ou a impõe às outras pessoas por meio de cenas violentas, reconhece-se facilmente a sua masculinidade encoberta” (Franz *et al.*, 2017, p. 251). Ora, não me espanta que pessoas do século passado venham a pensar de tal maneira em seu meio, mas, de todo modo, essa configuração de pensamento apenas demonstra como animus tem, em si, características específicas, presentes no indivíduo, homem e mulher – assim como a anima –, independente dos seus graus de especificidade.

Dito isso, é possível pensar no masculino como algo à parte do ser conhecido como homem. Mais uma vez, há espaço para uma proposta. No caso, que o comparativo entre homens e mulheres, enquanto masculinos e femininos em sua totalidade física e psíquica, seja abolido por meio da própria psicologia junguiana e suas nuances, a fim de não reforçar estereótipos da atualidade. Por exemplo, no tópico sobre projeções em oposição do capítulo 3, o próprio Joseph Wheelwright diz que homens são conhecidos por pensar, enquanto as mulheres são conhecidas por sentir. Ou seja, homens tenderiam a ser mais racionais e mulheres mais emocionais em suas respectivas consciências. Entretanto, entre ele e sua esposa, Jane, era o oposto ao padrão esperado. Eis uma demonstração de que nada tem, necessariamente, uma única possibilidade de ser.

Insisto, se todos os indivíduos possuem os elementos masculinos e femininos em si, não há porquê dizer que animus é exclusivo às mulheres e anima aos homens. Nem mesmo há porquê chamar animus de masculino e anima de feminino, tais arquétipos estão além do sexo. Como dito exhaustivamente a fim de apreender tal informação na mente do leitor, animus e anima são qualidades características que podem ser observadas arquetipicamente, são padrões. Ao olhar para o conceito do fenômeno da enantiodromia, que permeia toda a obra junguiana, se animus representa a força, então seu oposto, a anima, representa a fraqueza. No caso, pensa-se de forma arquetípica. Porém, tanto a força quanto a fraqueza podem ser encontradas em homens e mulheres de formas distintas, não em um determinado grupo. Nem todos os homens são fortes nem todas as mulheres são fracas. De certo modo, reforçar antigos estereótipos do que é ser homem ou mulher ao ler a atualidade pelo ponto de vista da psicologia junguiana é um erro conservador e excludente. Contudo, não condeno pessoas do século passado por não alcançarem conclusões tais quais as discussões atuais. Muito provavelmente, a psicologia junguiana pode ser vista mais como um passo contra os limitadores de sua própria época do que apenas mais um reforçador de estereótipos. Portanto, o uso da enantiodromia aqui tem o caráter de organizar animus e anima como arquétipos opostos, principalmente enquanto qualidades características opostas que existem em todos os indivíduos, isolada do âmbito sexual.

Aqui é feita uma tentativa de integrar a discussão de gênero superficialmente. O desejo está em volta de iniciar um debate com perspectivas diferentes e mais firmes quanto à performance em próximos trabalhos que tentarei dedicar em estudos mais diversos e diálogos mais aprofundados com outras autoras e outros autores no assunto, como Judith Butler e Paul Preciado, por exemplo. Como o próprio Jung pensava, *animus* e *anima* tratam do que é *masculino* e *feminino* em segundo plano, já indicado pela própria Jane Wheelwright em *Questão do Coração*. Portanto, o que realmente interessa é como esses arquétipos operam, além de tratar o homem como masculino e a mulher como feminino simplesmente por nascerem com órgãos sexuais que os identifiquem dessa maneira sem considerar o gênero. No caso, por sexo, não por performance de gênero. O que é uma perspectiva excludente para os debates atuais. Talvez, anima e animus sejam a resposta para tantas diversificações de gênero no séc. XXI. Aqui, apresento-os como abrangentes e inclusivos quando pensados como arquétipos que residem em todos os indivíduos considerados homens e mulheres, enquanto qualidades características que nós

denominamos masculinas e femininas. Mas, não é o momento para discorrer sobre sem as devidas pesquisas aprofundadas em autores que trabalham em cima do mesmo.

Figura 15: Butler e Preciado



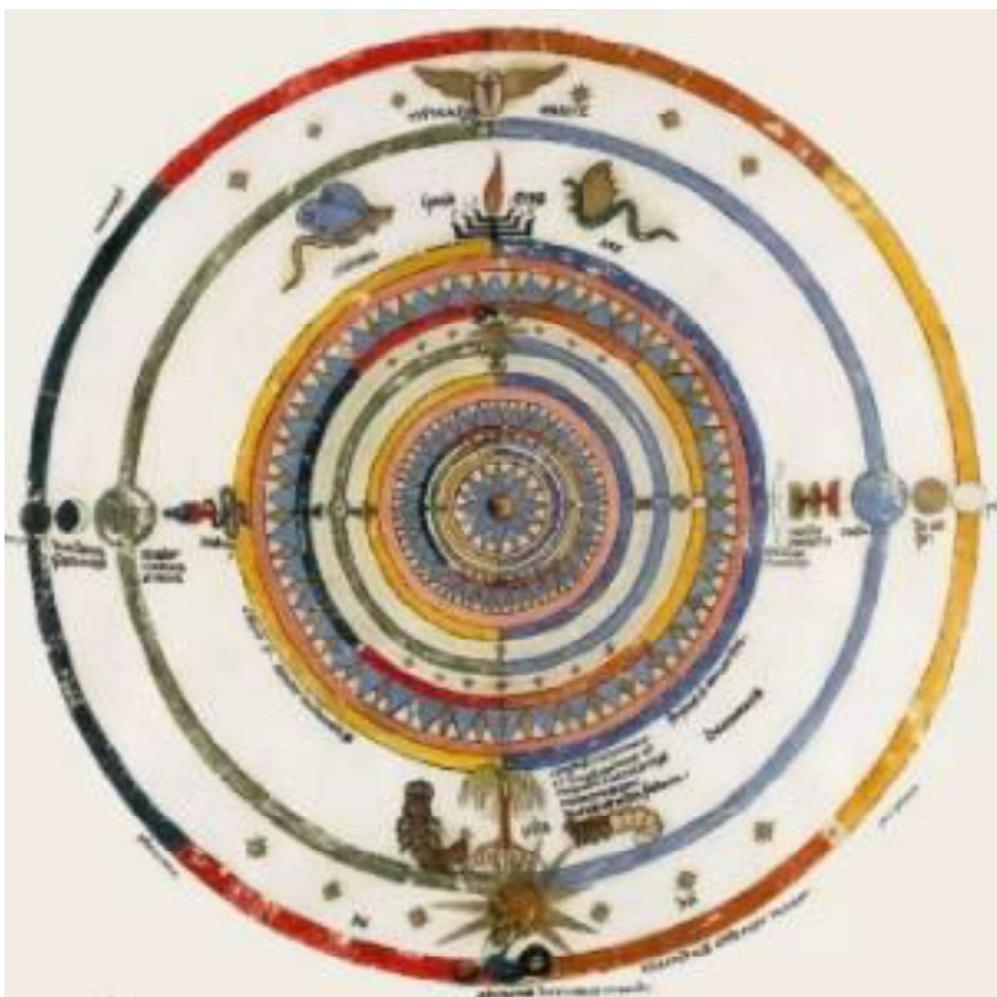
Fonte: Morando, 2018.

Em seguida, a enantiodromia e suas diversas camadas na estrutura da psique humana, duplas e opostas, segundo a psicologia junguiana, surge a partir da observação, como muito dito. Apesar de ser uma única coisa, a psique é múltipla em diversos espectros. Dessa forma, algumas coisas ditas aqui podem gerar as mais diversas questões. Por exemplo, na filosofia, o fato do inconsciente ser tratado como um segundo sujeito pode ser um enfrentamento para diversos sistemas filosóficos na relação sujeito e objeto, por mais que Jung considere o conceito de inconsciente exclusivamente psicológico e não filosófico (Jung, 2015, p. 482). Quanto à ciência, Jung pode ser comparado com a psicanálise devido ao seu estudo do inconsciente e ter seu trabalho acusado como pseudociência. Entretanto, ele se considera distinto da psicanálise por vários fatores e, em momento algum, tenta se passar por um cientista ou filósofo da mente, mas sim um médico, um médico de almas (curandeiro). Ele se interessa, mais especificamente, em compreender e explicar símbolos formados pelo inconsciente que surgiam constantemente em sonhos de pacientes. Entender esses símbolos era fundamental para que o próprio paciente compreendesse a si próprio e tratasse suas angústias geradas pelos complexos e suas experiências externas e internas.

Enfim, após tantas abordagens, temos um panorama da psicologia junguiana vista pelo olhar filosófico do movimento, como uma *mandala*. Por um lado, o conceito de

arquétipo, tão explorado, serve como ótima investigação para a compreensão de diversos padrões em religiões de povos completamente distintos que muitos historiadores, de modo geral, poderiam dizer que jamais entraram em contato durante a produção de seus mitos com certos graus de similaridade³⁴. O que, de certo modo, nos aproxima ainda mais enquanto espécie. Todavia, por outro lado, foi demonstrado como a psicologia junguiana também pode se aproximar de discussões de gênero por uma perspectiva psicológica e filosófica, imagética e histórico-social, se feita de maneira mais respeitável e abrangente dentro das lacunas presentes na psicologia analítica de Jung.

Figura 16: Mandala de *Os Arquétipos e o Inconsciente Coletivo*



Fonte: Jung, 2008.

³⁴ Isso, aliás, foi amplamente explorado por Joseph Campbell em livros como *O herói de mil faces*.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BORNHEIM, G. *Os Filósofos Pré-socráticos*. São Paulo, SP: Editora Cultrix LTDA, 1998.

CAMPBELL, J. *O herói de mil faces*. Tradução de Adail Ubirajara Sobral. São Paulo, SP: Editora Cultrix, 1997.

FILLUS, M. A. *Anima e Animus na Contemporaneidade*. Junguiana: Revista latino-americana da sociedade brasileira de psicologia analítica. São Paulo, SP: v. 30/2, p. 39-46.

FRANZ, M. *Alquimia: Introdução ao Simbolismo e à Psicologia*. Tradução de Marta I Guastavino. Capellades, Barcelona: Romanya Valls Verdaguer, 1991.

FRENCH, S. *Ciência: Conceitos Chave em Filosofia*. Porto Alegre, RS: Editora Artmed, 2009.

HUXLEY, A. *As Portas da Percepção e o Céu e Inferno*. ed. 14. Tradução de Osvaldo de Araújo Souza. São Paulo, SP: Editora Globo, 1998.

JUNG, C. G. *A Natureza da Psique*. Tradução de Pe. Dom Matheus Ramalho Rocha. ed. 5. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2000.

JUNG, C. G. *A Vida Simbólica: vol. 1*. Ed. 7. Tradução de Araceli Elman, Edgar Orth. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2013.

JUNG, C. G. *Estudos Alquímicos*. Tradução de Dora Mariana. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2002.

JUNG, C. G. *O Eu e o Inconsciente*. ed. 21. Tradução de Dora Ferreira da Silva. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2008a.

JUNG, C. G. *Os Arquétipos e o Inconsciente Coletivo*. Tradução de Dora Mariana. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2008b.

JUNG, C. G. *Psicologia do Inconsciente*. ed. 2. Tradução de Maria Luíza Appy. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 1980.

JUNG, C. G. *Tipos Psicológicos*. Edição digital. Tradução de Lúcia Mathilde Endlich Orth. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2015.

JUNG, C.G. *O Homem e seus Símbolos*. 3. ed. especial brasileira. Tradução de Maria Lúcia Pinho. Rio de Janeiro, RJ: Editora Harper Collins, 2017.

JUNG, Emma. *Animus e Anima*. Tradução de Dante Pignatari. ed. 1. São Paulo, SP: Cultrix LTDA, 1991.

JÚNIOR, O. P. *Modelo causal dos primórdios da ciência do magnetismo*. Revista Scientle Studia. São Paulo, SP: v. 8, n. 2, p. 195-212, 2010.

KAR, I. *Sir Laurens Jans van der Post*. National Portrait Gallery. Disponível em: <https://www.npg.org.uk/collections/search/portrait/mw18662/Sir-Laurens-Jans-van-der-Post>. Acesso em 04 de novembro de 2023.

LIMA, J. D. *Fizeram História: Nise da Silveira*. UOL, 2022. Disponível em: <https://www.uol.com.br/ecoa/amp-stories/fizeram-historia-nise-da-silveira/>. Acesso em 02 de novembro de 2023.

MORANDO, L. *A vida não é a identidade! A vida resiste à ideia da identidade*. Resista - Observatório de Resistências Plurais, 2018. Disponível em: <https://resistadotblog.wordpress.com/2018/05/08/a-vida-nao-e-a-identidade-a-vida-resiste-a-ideia-da-identidade/> Acesso em 04 de novembro de 2023.

PURRINGTON. *Toni Wolff Biography*. Carl Jung Depth Psychology Site, 2021. Disponível em: <https://carljungdepthpsychologysite.blog/2021/04/10/toni-wolff-biography-2/>. Acesso em 04 de novembro de 2023.

QUESTÃO DO CORAÇÃO. Direção: Mark Whitney. Produção de: Versátil Home Video. EUA. Michael Whitney-Mark Whitney Productions, 2013. 1 DVD.

RATHODE, N. *Emma Jung*. Alchetron, 2022. Disponível em: <https://alchetron.com/Emma-Jung>. Acesso em 02 de novembro de 2023.

RIBEIRO, O. L. *Marie-Louise von Franz*. Peroratio, 2009. Disponível em: <http://peroratio.blogspot.com/2009/04/2009188-marie-louise-von-franz.html>. Acesso em 04 de novembro de 2023.

SCHERER, F. *A Revolução Copernicana de Kant enquanto contraponto ao Materialismo*. Revista Kant e-Prints. Campinas, SP: Série 2, v. 11, n. 2, p. 01-16, maio-agosto, 2016.

SILVEIRA, N. da. *Jung: Vida e Obra*. 7. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1981.

THE JANE HOLLISTER WHEELWRIGHT & JOSEPH WHEELWRIGHT COLLECTION. Opus Archives and Research Center. Disponível em: <https://www.opusarchives.org/jane-hollister-wheelwright-joseph-wheelwright-collection/>. Acesso em 02 de novembro de 2023.